

A group of people are dancing in a dark studio. The ceiling is decorated with several colorful, cylindrical hanging lamps in shades of green, blue, yellow, red, and purple. Some of the lamps have a floral pattern. The dancers are in various poses, some holding hands, and are wearing casual to semi-formal attire. The overall atmosphere is vibrant and energetic.

escola de dança de
paracuru

RENATA CARIOCA VIEIRA

.....
Fig. 0.1

Fonte: Acervo da Escola
de Dança de Paracuru.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO



escola de dança de
paracuru

por
RENATA CARIOCA VIEIRA

orientação
PROF. DR. RICARDO ALEXANDRE PAIVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Ceará

Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V718e

Vieira, Renata Carioca.

Escola de Dança de Paracuru / Renata Carioca Vieira. - 2016.

109 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Ceará,
Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Alexandre Paiva.

1. Escola de Dança. 2. Teatro. 3. Paracuru. I. Título.

CDD 720

RENATA CARIOCA VIEIRA



BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. RICARDO ALEXANDRE PAIVA
ORIENTADOR

PROFA. DRA. MARGARIDA JULIA FARIAS DE SALLES ANDRADE
PROFESSORA CONVIDADA

PROF. BRUNO MELO BRAGA
ARQUITETO CONVIDADO

Fortaleza, 21 de dezembro de 2016.

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo apoio e incentivo ao longo de toda minha caminhada acadêmica.

Ao Mickey, pela companhia ao longo de todas as noites viradas fazendo trabalhos da faculdade. Sinto sua falta.

Aos meus familiares e amigos, pela compreensão de minha ausência ao longo da execução deste projeto.

Ao Calleb, por toda a força e crença que depositou em mim e pela companhia diária ao longo dessa jornada.

Às queridas Isadora Campos, Rafaella Thomáz e Raquel Chaves, por serem presentes que a Arquitetura me trouxe e por lembranças das quais nunca esquecerei.

À toda ajuda prática que me foi dada pelos queridos amigos Alana Figueirêdo, Alícia Alencar, Bianca Feijão, Carol Bruno, Emília Sousa, Raíssa Alencar, Renata Rodrigues, Victor Cândido, Yuri Bravos.

Ao Ricardo Paiva, por compreender meu amor pela dança e me orientar na realização deste sonho.

À Valda, Gleyston, Roberto e ao pessoal da Espaço Plano Arquitetura, por toda ajuda na reunião da documentação necessária para a execução deste projeto.

À Miliane Moura, Joab Tafarel e Walef Rocha, por estarem sempre disponíveis para me ajudar com informações sobre a Escola de Dança de Paracuru e por toda emoção que me fazem sentir ao vê-los dançar.

À Carol Benjamim, por ter me apresentado não só o Ballet como a história do Flávio Sampaio. Você plantou a semente deste sonho.

Às minhas queridas Tereza e Rochelle Passos, por incentivarem meu amor pela dança. Tudo que sei, devo a vocês.

Aos amados Eli e Fábio Minervino, por não terem me deixado parar de dançar enquanto fazia este trabalho e pela compreensão de algumas ausências.

À Família M, por todos os momentos de descontração e de troca maravilhosos. Dançar com vocês é como respirar.

Ao Flávio Sampaio, por ser inspiração.

SUMÁRIO

1

INTRODUÇÃO

10 |

13 | Definição do objeto

18 | Objetivos

2

JUSTIFICATIVA

20 |

23 | A escola atual

25 | Espaço no mercado

26 | Terreno proposto

29 | Paracuru no circuito

29 | A dança

3

PESQUISA

30 |

33 | Análise da área de intervenção

53 | Diagnóstico da área de intervenção





4

ESTUDO DE CASO

| 56

Escola Los Nogales | 59

Escola de Dança de Llíria | 63

Centro Cultural da Luz | 66

5

PROPOSTA

| 70

Diretrizes urbanas | 73

Implantação | 75

Plantas | 77

6

APÊNDICE

| 98

Considerações finais | 101

Bibliografia | 103

Lista de imagens | 107

1 INTRODUÇÃO

Definição do objeto

Como proposta, o trabalho final de graduação prevê um projeto arquitetônico de teor cultural que possui forte interação com a comunidade local e com o desenho urbano da cidade de Paracuru. Trata-se de uma nova sede para a Escola de Dança do município. Propõe-se, além da concepção arquitetônica, uma breve intervenção na escala urbanística a fim de possibilitar fluidez espacial e visibilidade à edificação e às atividades nela executadas.



.....
Fig. 1.1 Sede atual da Escola de Dança de Paracuru.

Fonte: Acervo da autora.

Paracuru é uma cidade do litoral oeste do Ceará que possui 31.638 habitantes, segundo senso demográfico realizado pelo IBGE em 2013. Com área de 303,253km² e densidade de 104,33 hab/km², está localizada a cerca de 100 km da capital Fortaleza. É famosa por suas belas praias, pela prática de esportes radicais como surf, kitesurf, windsurd e sandborad, e pelo destaque na dança.

Está localizada entre duas Áreas de Preservação Ambiental que são reserva do Estado: a APA das Dunas de Paracuru e a APA do Estuário do Rio Curú [Mapa 1.1].

Segundo dados fornecidos pela Prefeitura, a cidade tem como fontes de renda própria: agropecuária, indústria, comércio, serviços, turismo e royalties do petróleo que, em 2012, de acordo com o Tribunal de Contas do Município (2015) recebeu uma cota de R\$ 1.765.528,68.

Paracuru faz parte de um grupo restrito de cidades que possuem sede no litoral [Mapa 1.2].

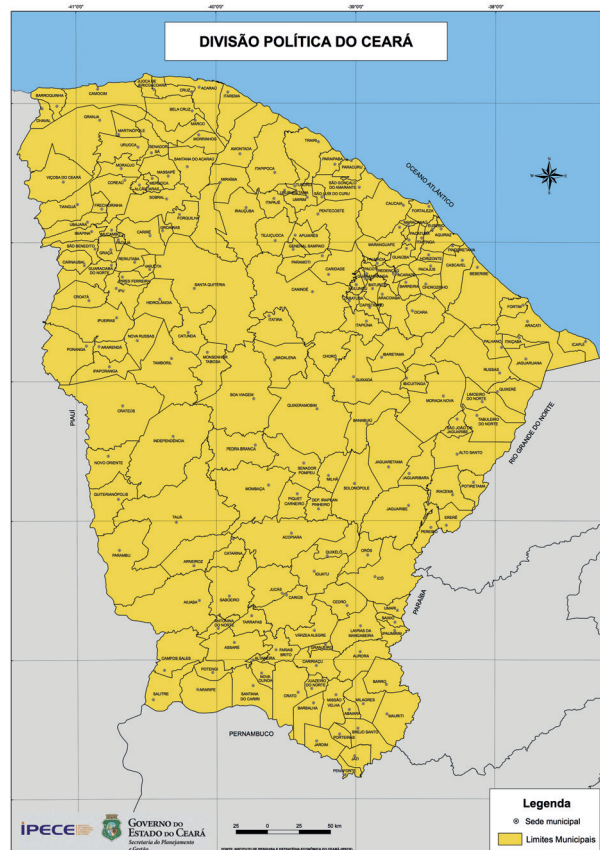
Mapa 1.1 Município entre APAs - Unidades de Conservação Ambiental.

Fonte: IPECE.



Mapa 1.2 Sedes municipais - Divisão política.

Fonte: IPECE.



Flávio Sampaio

Nascido em Paracuru, Flávio Sampaio dançou profissionalmente no Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e no Balé do Teatro Guaíra de Curitiba. Após um acidente sofrido em cena, precisou parar com sua atuação como bailarino e se tornou professor. Ensinou em diversas companhias nacionais e europeias, foi maitre de ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, professor da Escola Estadual de Danças Maria Olenewa e da Escola do Teatro Bolshoi no Brasil.

Autor dos livros *Ballet Essencial* e *Balé Passo a Passo*, Flávio é idealizador do projeto *DançaR Paracuru*, e fundador da Escola de Dança de Paracuru e de sua companhia. Recebeu da Fundação Itaú Cultural o Prêmio Rumos Educação - 2011/2012.

Uma de suas inquietudes sempre foi como a técnica do ballet era ensinada sem se preocupar com a diferença entre os corpos. Observava a grande incidência de lesões nos bailarinos e tinha convicção de que a dança não precisava causar aquilo. Decidiu estudar o corpo para entendê-lo melhor e mudar a abordagem. Fisiologia do movimento, anatomia, cada mínimo detalhe foi avaliado e compreendido por ele. Ao aplicar suas conclusões no ensino, os resultados foram visíveis: corpos mais alongados e ágeis, dores que desapareceram e perda de volume muscular indesejado. "Minhas preocupações em como um corpo brasileiro, ou como um corpo comum poderia ser eficiente e sofrer minimamente com uma técnica construída para corpos nórdicos, sempre estiveram presentes em meu trabalho como professor de balé" (SAMPAIO, 2013, p. 258).

Em Paracuru, Flávio teve a oportunidade de formar alunos que não tiveram outras influências, nesse processo pôde perceber o quanto essas mudanças são apropriadas a um país miscigenado como o nosso.

Os alunos da Escola de Dança de Paracuru só conheceram essa experiência de trabalho corporal e demonstraram como resultado um corpo extremamente adaptável a diversas propostas estéticas, podendo transitar entre o balé clássico produzido no período romântico, por outras tendências do século XX, ou ainda por muitas propostas atuais da dança contemporânea sem levar com eles um corpo imerso em uma única estética. Um corpo livre, pungente, alegre e colorido como o povo brasileiro. (SAMPAIO, 2013, p. 266).

Sua pesquisa e a experiência realizada por ele deram origem ao método de ensino diferenciado que é usado na Escola. O princípio maior desta metodologia é a união entre a consciência corporal e as conexões que possibilitem um maior entendimento do movimento. É um método que possibilita um corpo híbrido, consciente e sensível, capaz de transitar entre diversas estéticas mantendo suas potencialidades.

.....
Fig. 1.2 Flávio Sampaio.

Fonte: Acervo da Escola de Dança de Paracuru.



.....
Fig. 1.3 Escola de Dança de Paracuru.

Fonte: Acervo da Escola de Dança de Paracuru.



Escola de Dança de Paracuru

Havia um grupo de jovens que fazia aula de forró com um professor que ia aos fins de semana à cidade. Após terem problemas financeiros para custear a situação, o grupo foi pedir ajuda ao professor de ballet que havia voltado para sua cidade natal em um período de recesso.

Flávio explicou que dava aula de ballet e que não poderia ajudar ensinando, mas resolveu incentivar o interesse dos jovens pela dança custeando as aulas. De início, pediu apenas para acompanhar a evolução da turma. Depois foi introduzindo aulas de outros estilos como o hip hop e o jazz. O fascínio pela dança em suas várias modalidades foi crescendo e com o tempo os alunos aceitaram fazer aulas de ballet. Assim nasceu a Paracuru Companhia de Dança.

Aos poucos o grupo sentiu a necessidade de passar para as crianças os ensinamentos obtidos. Este reuniu quarenta crianças, com recursos próprios, e fundou a Escola de Dança de Paracuru.

Com o passar do tempo, o número de alunos foi aumentando, a casinha onde as aulas ocorriam não suportava mais as atividades e a escola foi transferida para a sede na qual funciona hoje.

A Companhia de Dança é formada pelos primeiros alunos do projeto. Hoje eles são os responsáveis pela condução da Escola. Flávio permanece presente, mas partilha da ideia de que o projeto é deles, da comunidade, dos alunos e professores que se envolveram. É de responsabilidade deles a direção da Escola atualmente.

O projeto é conhecido internacionalmente. O grupo já viajou inúmeras vezes para se apresentar em outros lugares do país e do mundo.

Auxiliaram a fundação do Ballet Nacional do Cabo Verde e mantêm com eles uma ligação muito forte que inclui troca de experiências e de pessoas por meio de intercâmbios culturais.

O projeto pedagógico da Escola é amplo de formação, com competências que vão do ballet clássico à dança pós-moderna. Trabalham baseados em três eixos de ações: sociais, educativas e artísticas. No local são oferecidos cursos de formação de bailarinos, capacitação de multiplicadores, capacitação de coreógrafos, dança para portadores de necessidades especiais e videodança.

Objetivos

Objetivo geral:

Elaborar um projeto arquitetônico para a nova sede da Escola de Dança de Paracuru, incorporando questões urbanísticas como a interação entre a cidade e o edifício e a relação público x privado do espaço.

Objetivos específicos:

- Propor um programa diversificado incluindo: teatro, alojamentos, salas de ensino teóricas e práticas, piscinas, ateliês, acervos, laboratórios, centro de treinamento, departamento médico, praças e restaurantes.
- Conceber espaços sombreados, ventilados e de livre acesso;
- Incentivar o uso por parte da população local e dos visitantes;
- Criar áreas de convivência para valorizar e dinamizar o lugar;
- Possibilitar o uso da edificação em horários variados do dia e da noite;
- Criar um espaço fluido e permeável visual e fisicamente;
- Possibilitar o olhar da comunidade para as atividades que acontecem na escola e a percepção do entorno e de sua paisagem por quem está dentro do edifício;
- Inserir a escola no desenho urbano e requalificá-lo;
- Integrar o sítio escolhido com as áreas livres já existentes;
- Estabelecer um espaço democrático onde a arte seja não só produzida como também compartilhada;
- Aproveitar a iluminação natural;
- Criar um ambiente que não só permita a expressão da criatividade como também a desperte;
- Transformar o edifício em um marco para a cidade e um atrativo em maior escala.

2

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deu pela vontade de trabalhar uma demanda real para que a proposição de fato tivesse utilidade. Por mais que se trate de um exercício acadêmico, projetar a Escola de Dança de Paracuru, a meu ver, é uma forma de atrair o olhar do público para esta bela iniciativa que precisa de todo e qualquer apoio, mesmo que sejam apenas aplausos. "Acordar os adormecidos, incitar os despercebidos e estimular os empenhados que acreditam na dança e na sua importância dentro da educação." (MORANDI, 2005, p. 86).

É enriquecedor ter a oportunidade de conhecer o funcionamento da escola a fundo, acompanhar as necessidades dos usuários e transformar em desenho os sonhos que são revelados a mim a cada conversa.

Creio que como arquitetos temos que perceber a cidade e as manifestações que nela surgem para que possamos dar um feedback positivo a sociedade, mesmo que ela não tenha consciência do que precisa. Enxergar esta demanda e propor soluções é mostrar aos cidadãos e ao poder público que essas intervenções não só podem como devem ser reais. Como é dito nos Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte: "O ser humano que não conhece arte tem uma experiência limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetivos a sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentimento da vida".

A escola atual

É sabido que a criação de associações ou cooperativas auxilia na solução de problemas, bem como fortalece o exercício da ação coletiva.

A Escola de Dança de Paracuru é uma associação que ensina arte gratuitamente a alunos com variadas faixas etárias e necessidades. As atividades de ensino dividem o espaço com a companhia, formada em sua maioria pelos primeiros alunos do professor Flávio Sampaio. Há também uma turma para portadores de necessidades especiais, a fim de desenvolver não só habilidades corporais como também a autoestima dos participantes.

Em 15 anos de funcionamento, o projeto já ganhou espaço na cidade e respeito de seus moradores. Tornou-se um orgulho para Paracuru ser a sede de uma das escolas de dança mais famosas do país. A difusão da cultura no local fez com que pessoas de vários níveis sociais e intelectuais aprendessem, se interessassem e passassem a apreciar a arte.

Apesar de toda esta história de sucesso e boas iniciativas, o espaço físico da escola não tem condições de atender a demanda. São 190 alunos separados em vários horários durante o dia e a noite para dividir as duas únicas salas de aula existentes. Para se ter uma

noção da grandiosidade que a iniciativa tomou, na seleção de 2006, a escola recebeu 984 inscrições para 30 vagas, que acabaram virando 54, pois Flávio não conseguiu dispensar alguns talentos.

O local não é adequado para receber os deficientes que são atendidos pelo projeto. Não há rampas, banheiros acessíveis, elevadores ou mesmo portas largas para possibilitar o uso da edificação [Fig. 2.3].

Fig. 2.1 Sala de aula situada no térreo.

Fonte: Acervo da autora.



Fig. 2.2 Sala de aula situada no primeiro pavimento (à esquerda).

Fig. 2.3 Banheiro usado por portadores de necessidades especiais (à direita).

Fonte: Acervo da autora.



O palco foi executado por eles mesmos e não tem condições de atender as necessidades dos artistas. Não há espaço para recolhimento de cenários, coxias ou mesmo estrutura de varas e passarelas. Quando os espetáculos acontecem, é sempre necessário o aluguel de grids para a montagem da iluminação [Fig. 2.4].

O backstage nada mais é do que um corredor, e não há camarins ou banheiros [Fig. 2.5]. O imprevisto da construção impede inclusive que haja a passagem dos artistas por fora de cena, o que leva a situações como em uma apresentação ter que reunir 190 crianças em um espaço mínimo e mantê-las em silêncio enquanto esperam sua hora de subir ao palco ou o fim da sessão, pois só podem sair de detrás da rotunda após o término do espetáculo. Rotunda esta que em vez de cortina se trata de uma enorme alvenaria.

O espaço é emprestado também a outros grupos da cidade para que possa servir como local de ensaio, como o grupo de teatro e



Fig. 2.4 Palco onde são realizadas as apresentações da escola (à esquerda).

Fig. 2.5 Backstage (à direita).

Fonte: Acervo da autora.

o de quadrilha junina.

Não há alojamento para alunos que precisem passar a noite na escola. Eles se utilizam da casa do vigia para dormir.

O prédio onde funciona a sede atual foi doado pela Prefeitura, que cedeu o terreno e firmou o acordo de que a responsabilidade da reforma seria da escola. Caso nada fosse executado no período de um ano, o terreno voltaria a ser do governo. Portanto, o prédio já era existente e foi adaptado para o uso atual. O problema consiste no fato de que a Escola não tinha dinheiro suficiente para executar todas as modificações necessárias e, além disso, não tinha tempo para planejar a intervenção. Como resultado, há uma série de vazamentos, espaços mal aproveitados e subutilizados por conta de o local não ter sido pensado para abrigar uma escola de dança.

Um equipamento tão importante para a população merece um cuidado especial, pensado para que suas funções possam ser desenvolvidas sem limitantes. É neste cenário que se faz necessária a proposição de uma nova sede onde esta iniciativa possa se enraizar cada vez mais e gerar frutos.

Espaço no mercado

Observou-se que é comum os alunos da Escola de Dança cursarem a Licenciatura em Dança no ensino superior. Este fato não é apenas interessante por dar um rumo na vida das crianças, mas é de suma importância também para a educação de base da população em geral, pois o mercado está necessitando de novos profissionais para o ensino da arte. Muito espaço foi aberto nessa área graças a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96. Esta lei prevê a obrigatoriedade do ensino de arte na educação básica: "Os parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da área apontam que as quatro linguagens artísticas (música, dança, teatro e artes visuais) devem ser contempladas." (STRAZZACAPPA e MORANDI, 2006, p. 8).

A nova postura educacional abre espaço para a preocupação dos educadores sobre a importância da dança na educação. Entende-se que a dança é a arte primária do ser humano. Quando criamos, interpretamos, nos movemos e nos comunicamos, estamos nos expressando através do corpo e assim aprendendo a relacionar o

mundo interior com o exterior. A dança é indicada pelos parâmetros curriculares nacionais como linguagem artística diferenciada.

Portanto, o mercado não só pode como precisa absorver os técnicos nesta área. Segundo informações de Strazzacappa e Morandi, em 2006, tínhamos 15 cursos superiores de dança e mais 30 cursos de nível de pós-graduação, entre especialização, mestrado e doutorado, no Brasil. Em Paracuru, mais especificamente, temos implantado um Instituto Federal do Ceará que, após a luta da população, passará a ofertar no local o Curso Técnico em Dança, até então só ofertado no campus da capital.

Posto isso, sabendo agora da necessidade de projetar uma nova sede para a Escola de Dança de Paracuru, passemos a compreender a lógica usada para a seleção do sítio que situará o projeto.

Terreno proposto

As diretrizes para escolha do terreno foram: sua proximidade com a sede atual, com equipamentos relevantes e com áreas de convivência da população, sua localização central na cidade, que facilita o acesso e aumenta a visibilidade para o projeto, e seu potencial de requalificação do local inserido.

Mapa 2.1 Relação entre o terreno proposto e a sede atual.

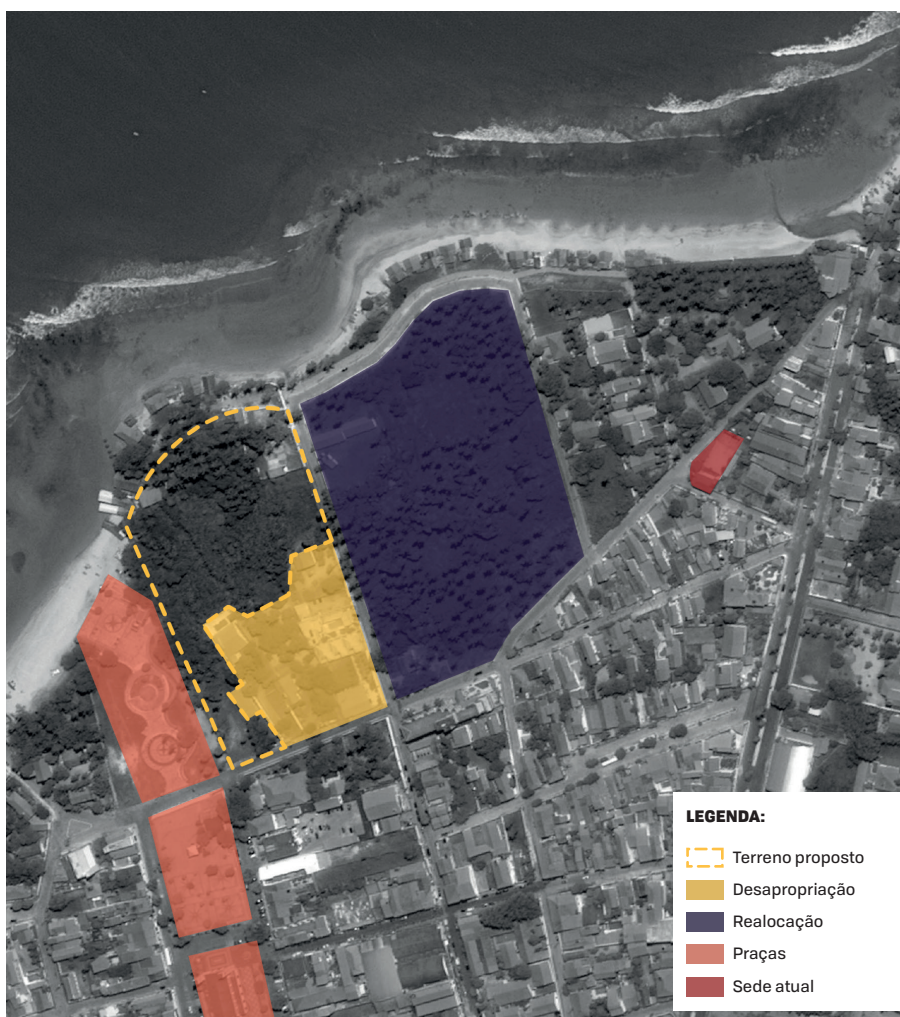
Fonte: elaborado pela autora.



A área está subutilizada e faz parte de um trecho delimitado pelo Plano Diretor para a implementação de um parque urbano e de uma via paisagística (parcialmente executada). A lei já prevê também a desapropriação do terreno para o fim acima citado.

No local, estão instaladas algumas barracas que precisam ser removidas por invadirem a faixa de praia alagável (pretende-se em projeto criar um espaço para que estes trabalhadores possam continuar seus negócios, claro, em outro formato). Também ocupa o sítio um antigo clube que está abandonado há alguns anos. As outras edificações que estão em uso (algumas casas e uma pousada) podem ser relocadas para o terreno vizinho, para o qual também há previsão de intervenções urbanísticas pelo Plano Diretor Participativo (PDP). O restante da área permanece desocupada e sem uso.

A escolha do sítio foi feita após uma conversa com a presidente da Associação Dança, Arte e Ação, Miliane Barbosa, onde ela expôs todos os obstáculos enfrentados por eles devido ao local da sede atual e à precariedade no transporte público da região. Foram pensadas áreas centrais da cidade com disponibilidade de terreno e então levados em consideração os critérios já citados. A partir destes princípios, foi escolhido o terreno a seguir:



Mapa 2.2 Contextualização da intervenção.

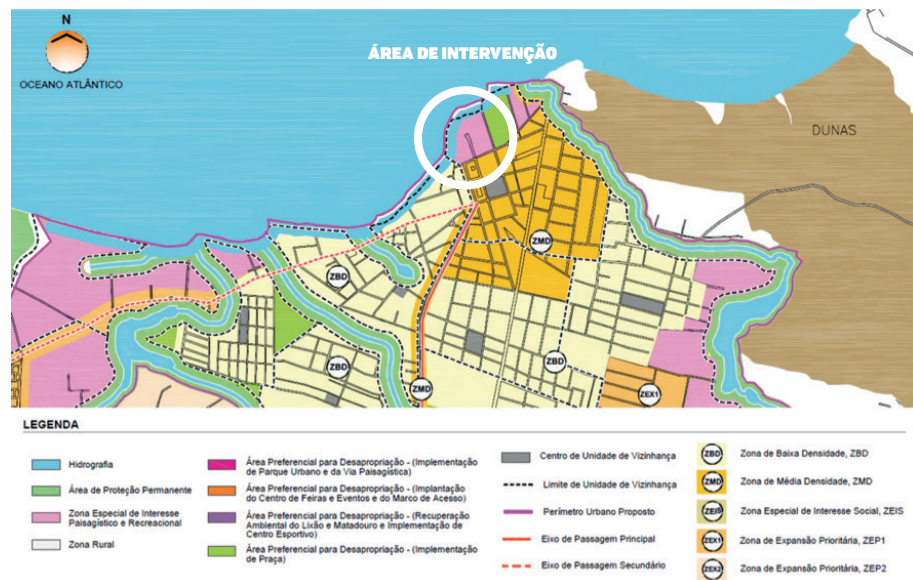
Fonte: elaborado pela autora.

Como foi exposto, a área em questão é em parte mal utilizada e em sua maioria, subutilizada. As relocações que precisam ser feitas são embasadas por questões de mau uso da faixa costeira, de melhor aproveitamento da área pela cidade e pela sociedade, e por transformarem espaços que por localidade são centrais, mas por desenho estão marginalizados. O projeto de requalificação da orla e de criação da Beira-mar executado, em parte, pela prefeitura, já precisou desapropriar alguns estabelecimentos para a criação da chamada Praça do Farol.

Seguindo este mesmo preceito, o Plano Diretor Participativo, consolidado em 2008, define o local como Área preferencial para desapropriação (implementação de parque urbano e da via paisagística). Por ser também, de acordo com a legislação vigente, uma Zona de Média Densidade (ZMD) e permitir o uso institucional, a proposta é que a nova sede da Escola de Dança se transforme em um equipamento com relevância no desenho da cidade e no espaço público em geral. O projeto arquitetônico contemplará uma breve concepção para o meio urbano, por incluir em sua intervenção a preocupação com: as áreas livres, a requalificação do meio atual, a relação entre os espaços de convivência e o plano, já existente, para a Beira-mar. A proposição terá sempre como base os critérios impostos pela legislação através do PDP, que foi, por sua vez, desenvolvido pelo escritório cearense Espaço Plano Arquitetura.

Fig. 2.6 Planta oficial de parcelamento, uso e ocupação do solo.

Fonte: Plano Diretor Participativo de Paracuru.



Além dos motivos comentados acima para a escolha do sítio, há também o fato de o local agregar potencial a concepção arquitetônica por sua proximidade com espaços livres e naturais.



Fig. 2.7 Faixa de praia ocupada pelas barracas.

Fonte: Diário do Nordeste.

Paracuru no circuito

O desejo de trabalhar este espaço surgiu após uma análise sobre o quanto a dança havia ganhado campo no estado e principalmente em Paracuru. A cidade recebe hoje, além da Mostra Anual realizada pela Escola de Dança, eventos como a Bienal Internacional de Dança do Ceará, hoje um dos acontecimentos mais importantes da dança brasileira, e o Festival de Dança do Litoral Oeste, que é um dos principais festivais desta área do estado, propondo-se como ação descentralizadora e democrática de circulação da dança, priorizando, sobretudo, a dança cearense na sua diversidade. Desde a primeira edição, este Festival colabora para dar visibilidade à produção cultural, em especial para fortalecer o segmento da dança e para democratizar o acesso à cultura na Região do Litoral Oeste cearense. O evento vem se desenhando como um espaço privilegiado para a confluência de troca de experiências, convívio e celebração dos afetos que articulam esta arte no Ceará.

Posterior a algumas pesquisas, veio a conclusão de que este projeto inspirador tem muito potencial e precisa de maior visibilidade não só para crescer individualmente como para levar a cidade e a comunidade juntos nessa ascensão.

A dança

Mesmo com todas as razões apresentadas até aqui a fim de embasar a necessidade de projetar este espaço, é válido ressaltar que o ensino da dança é um fim em si e não necessita de maiores argumentos para que seja estimulado e proporcionado.

“Dançar, então, não é adorno na educação mas um meio paralelo a outras disciplinas que formam, em conjunto, a educação do homem. Integrando-a nas escolas de ensino comum, como mais uma matéria formativa, reencontraríamos um novo homem com menos medos e com a percepção de seu corpo como meio expressivo em relação com a própria vida.”

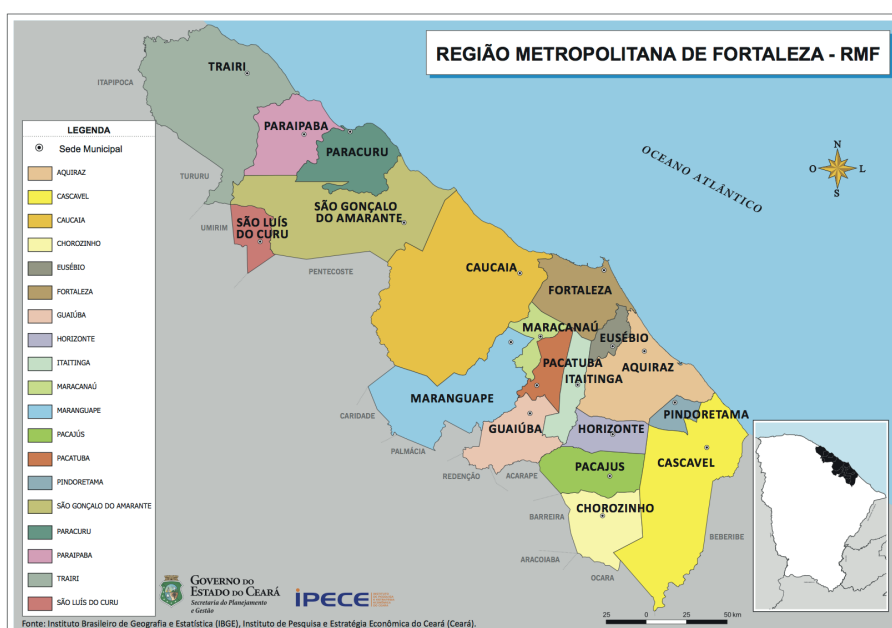
MARIA FUX.

3 **PESQUISA**

Análise da área de intervenção

Turismo:

Paracuru está incluído em uma das rotas turísticas mais conhecidas do nordeste. A zona costeira do litoral oeste atrai milhares de visitantes que buscam a beleza e a tranquilidade de cidades pequenas e belas praias. Apesar de fazer parte da Região Metropolitana de Fortaleza desde 2014, Paracuru ainda é visto turisticamente como pertencente a Macrorregião Turística do Litoral Oeste Ibiapaba.



Mapa 3.1 Região Metropolitana de Fortaleza.

Fonte: IPECE.

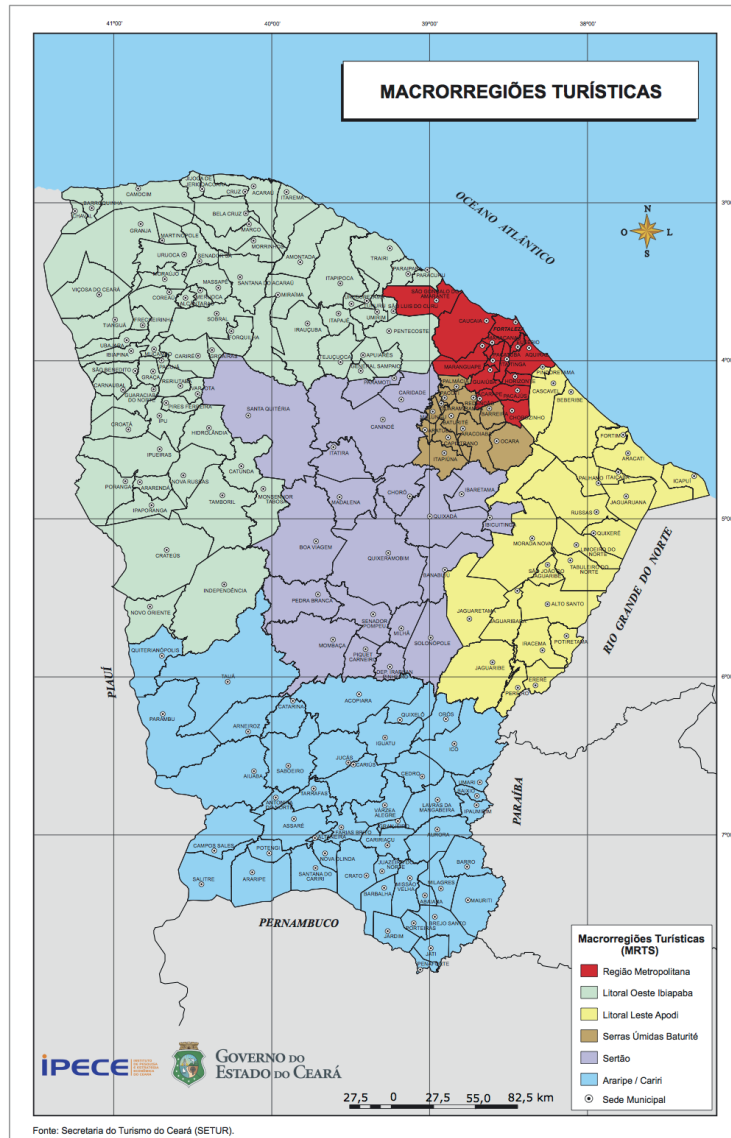
O levantamento do número de turistas que visitam Paracuru, realizado pela SETUR (2013), mostra que Paracuru ocupa o nono lugar, nos anos de 2010, 2011 e 2012, entre os principais destinos turísticos do Estado do Ceará, representando, em média, 1,58% da demanda turística do Estado. O maior número de turistas é percebido em 2012, com 41.274 pessoas. A média do número de dias que os turistas passaram em Paracuru foi de 8,63 dias. (MONTEIRO, 2015, p. 12).

Este fluxo turístico vem sendo mais divulgado ultimamente, o que obriga a região a melhorar a infraestrutura para satisfazer as necessidades dos forasteiros. Uma das maiores obras realizadas com este fim foi a duplicação da CE-085, conhecida também como Rodovia Estruturante, na Costa do Sol Poente, concebida através dos investimentos do PRODETUR I.

Os Programas Regionais de Desenvolvimento do Turismo (PRODETUR) buscam organizar as intervenções públicas para o desenvol-

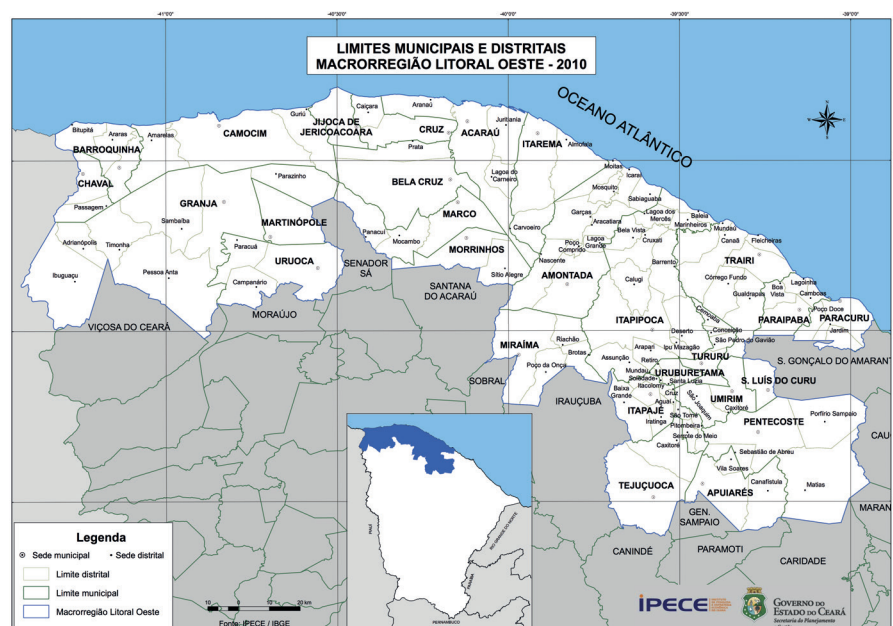
Mapa 3.2 Macrorregiões turísticas do Ceará.

Fonte: IPECE.



Mapa 3.3 Macrorregião do Litoral Oeste do Ceará.

Fonte: IPECE.



vimento da atividade turística através de prévios processos de planejamento das regiões, de tal forma que a mesma venha a constituir uma verdadeira alternativa econômica geradora de emprego e renda, principalmente para a população local.

No final da década de 80 e meados da década de 90, especialmente através do PRODETUR, aumentou o movimento populacional e conseqüentemente a ocupação e a especulação da zona de costa. Principalmente porque, na época, os modelos paisagísticos com maiores potencialidades turísticas, no Ceará, se encontravam nestas áreas. O PRODETUR/NE, em suas duas fases, se configurou como um dos principais programas de planejamento territorial estatal, com maior influência no espaço costeiro do Ceará. Os investimentos milionários foram direcionados a 18 municípios litorâneos, entre eles Paracuru. Na percepção do plano, a costa leste já possuía certa visibilidade no contexto turístico, portanto, os investimentos foram repassados para o melhoramento da infraestrutura de cidades da costa oeste.

Quanto aos visitantes, notou-se que o perfil destes é eminentemente familiar e que a principal motivação para as viagens é o descanso aos fins de semana, indicando assim certa fidelidade. Turistas, moradores e comerciantes consideram bons os aspectos de hospedagem e atrações culturais da cidade, mas sinalizam que é preciso dar atenção à preservação ambiental. Sugerem a limpeza constante nas praias, revitalização de praças, iluminação adequada como forma de não comprometer a segurança e ajudar no combate às drogas. Também pensam que deveria haver uma maior divulgação dos eventos do município para que se aumente o fluxo de pessoas na cidade, pois a atividade turística trouxe consigo muitas oportunidades de emprego para os moradores.

Especulação imobiliária:

Esta valorização da zona costeira através do turismo aqueceu o mercado de Paracuru em um âmbito geral, principalmente o setor de serviços, que precisou se desenvolver bastante para atender a demanda gerada pela presença dos turistas.

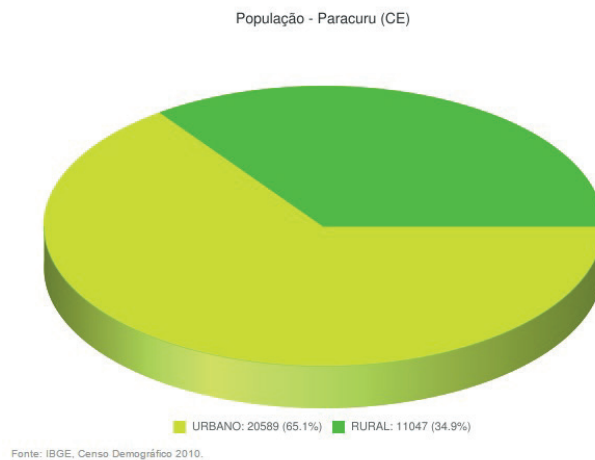
Este processo, juntamente com a movimentação do Porto e a construção da siderúrgica no Pecém, acelerou a especulação imobiliária de forma agravante. Brotaram na cidade loteamentos, aumentaram os preços dos imóveis, cresceu o interesse pelos terrenos à beira-mar e o poder privado passou a cada vez mais interferir nas decisões públicas.

Toda essa dinâmica, considerada por muitos um desenvolvimento urbano, atraiu para a sede municipal boa parte da população que vivia na zona rural e em localidades mais afastadas do centro de Paracuru. Seduzidos pelas chances de emprego e pelo crescimento das oportunidades no local, parte da população dos distritos migrou

para a cidade. Segundo levantamento do IBGE, em 2010, 65,1% da população paracuruense era urbana.

Gráfico 3.1 Distribuição da população de Paracuru.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.



Esta ocupação desordenada é preocupante, pois a evolução da infraestrutura da cidade e as técnicas de gestão desse desenvolvimento urbano não acompanham o ritmo acelerado da apropriação em questão. O crescimento precisa ocorrer, mas é necessário que se tenha o controle disso.

Sistema Costeiro:

Vários são os malefícios que uma dinâmica de mudanças urbanas como esta podem trazer para a sociedade e para a cidade em si. Como o terreno escolhido para locar a Escola de Dança de Paracuru se encontra em uma privilegiada área à beira-mar, focaremos aqui na análise de como o turismo e este "boom" populacional podem interferir no ecossistema da orla e em como a cidade pode se preparar da melhor forma para receber essa atividade turística sem deixar de lado suas características nativas e sua população local.

A Constituição Federal, de 1988, no artigo 225, parágrafo 4º, afirma que: "a zona costeira é patrimônio nacional e que sua utilização se dará, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação ambiental, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais".

Porém, sabemos que esta imposição não é seguida na maioria dos espaços costeiros brasileiros. Acontece que, em vias gerais, o uso inadequado do espaço em zona costeira culmina em processos de assoreamento, erosão, transformações do perfil de praia (progradação e recuo da linha de costas), degradação das dunas, entre outros.

Em seu estudo sobre o uso e a ocupação do solo da zona costeira de Paracuru, realizado em 2013, Arruda setorizou todo o litoral do município e classificou cada setor de acordo com as tipologias das praias remetidas por Moraes em 2007. Para facilitar o enten-

dimento desta análise, segue abaixo um esquema explicativo do sistema costeiro de Paracuru.

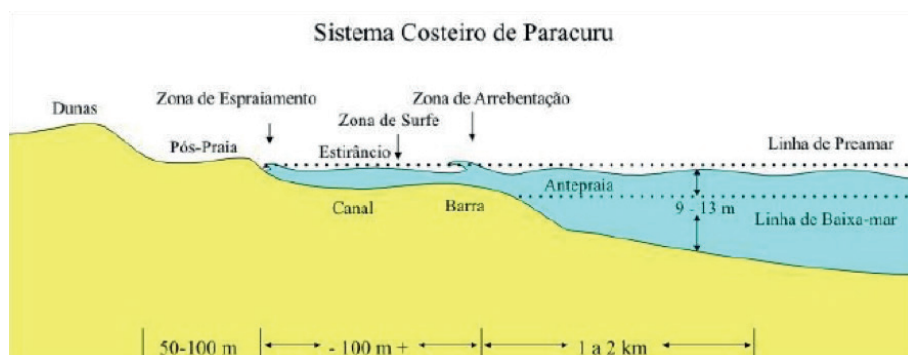


Fig. 3.1 Elementos de um sistema costeiro. Adaptado de Short (1999).

Fonte: Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE. Arruda, 2013.

Nossa área de intervenção ocupou os setores 6 e 7 na divisão feita pelo autor.

Em sua análise, Arruda constatou que de 2004 para 2011 houve um acréscimo na ocupação do setor 6 de 4,6%. Segundo ele, a área próxima ao centro comercial do município passa por alterações a fim de remeter ao turista um grau de desenvolvimento por apresentar alguns equipamentos atrativos e possuir características de uma urbanização consolidada. Arruda enfatiza o alto grau de erosão a que a orla do município vem sendo acometida. Apesar de ser um processo de ordem natural, a ocupação irregular do espaço acelera o progresso dessa erosão. Notou-se no estudo que o berma (zona da praia quase horizontal, constituída pela deposição de sedimentos pelas ondas, e que, em geral, apresenta suave pendor em direção ao continente e pendor mais abrupto em direção ao mar) praticamente não é mais visível, evidenciando a progradação marinha para áreas ocupadas. Chegou a conclusão de que este setor pode ser encaixado na tipologia 1: praia urbana deteriorada. Esta tipologia tem como características: terrenos da beira-mar ocupados, alto adensamento e construções e/ou população, paisagem totalmente antropizada, altos níveis de contaminação.

Segundo análise, o setor 7 evidencia um crescimento nas taxas de ocupação da zona costeira em torno de 3% em comparação com 2004. As barracas que antes estavam na zona de estirâncio, em 2011 já sucumbiam a abrasão marinha. Por esta área ser menos adensada que a do setor anterior, foi enquadrada na tipologia 3: praia urbana turística. Esta tipologia tem como características: terrenos da beira-mar ocupados, médio adensamento de população, paisagem totalmente antropizada, possível contaminação.

Comparando as tábuas de maré de 2004 e 2011 e verificando a situação das linhas de costa do município, Arruda observou que a linha de costa está mais avançada no ano de 2011. Tendo em vista que os maiores índices de maré estão no ano de 2004, concluiu que a erosão teve níveis mais elevados em 2011, ano em que se constatou acréscimo na ocupação da orla em áreas de maior influência urbana.

Fig. 3.2 Imagem do setor 6 (2004).

Área total = 64.729,11 m².

Fonte: Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE. Arruda, 2013.



Fig. 3.3 Imagem do setor 6 (2011).

Área total = 67.735,39 m².

Fonte: Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE. Arruda, 2013.



Fig. 3.4 Imagem do setor 7 (2004).

Área total = 48.232,18 m².

Fonte: Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE. Arruda, 2013.



Fig. 3.5 Imagem do setor 7 (2011).

Área total = 49.726,47 m².

Fonte: Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE. Arruda, 2013.



Por se tratar de uma área valorizada, o movimento migratório é inevitável. Todos os atrativos impulsionam este processo que por sua vez, ao reunirem mais pessoas, geram mais demandas de serviços, configurando um ciclo. Vários são os empreendimentos que ocupam a orla na área estudada, em sua maioria barracas de praia que tomam parte significativa da faixa de areia acelerando o processo erosivo e prejudicando além da paisagem e da segurança, a balneabilidade, que também é um atrativo nesse tipo de turismo. Ocorre também que as próprias barracas são deterioradas pela ação do mar.



.....
Fig. 3.6 Ação erosiva.

Fonte: Acervo da autora.



.....
Fig. 3.7 Alcance do mar (à esquerda).



Fig. 3.8 Deteriorização da infraestrutura (à direita).

Fonte: Acervo da autora.



.....
Fig. 3.9 Deteriorização das barracas de praia (à esquerda).



Fig. 3.10 Proteção improvisada pelos comerciantes (à direita).

Fonte: Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE. Arruda, 2013.

"Os processos erosivos estão tão adiantados no município que promovem o afloramento de rochas presentes na formação de tabuleiro, evidenciando a extensão (temporal e degradativa) na linha de costa." (ARRUDA, 2013, p. 113).

Fig. 3.11 Exemplos da formação de tabuleiro aflorada no estirâncio praias.

Fonte: Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE. Arruda, 2013



Outro problema causado pelo aumento populacional é o fim indevido dado aos esgotos e águas pluviais. Estas galerias podem ser vistas na praia e intensificam não só a erosão como a degradação do ambiente e a poluição da água para banho.

Fig. 3.12 Destino inadequado de água pluvial (à esquerda).

Fig. 3.13 Poluição da praia pela falta de saneamento (à direita).

Fonte: Acervo da autora.



Fig. 3.14 Ausência de saneamento (à esquerda).

Fig. 3.15 Fim indevido dado ao esgoto das barracas (à direita).

Fonte: Acervo da autora.



Gestão de espaços costeiros:

Toda esta conjuntura leva à necessidade de uma organização que requer planejamento e gestão. Nesse contexto de gerir as interferências na costa brasileira, temos como agente o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro (PNGC) que foi constituído pela Lei 7.661, de 16/05/88, cujos detalhamentos e operacionalização foram objeto da Resolução no 01/90 da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM), de 21/11/90, aprovada após audiência do Conselho

Nacional de Meio Ambiente (CONAMA). A própria Lei já previa mecanismos de atualização do PNGC, por meio do Grupo de Coordenação do Gerenciamento Costeiro (COGERCO). O programa se encontra hoje em sua segunda revisão. Em todo esse período de atuação, houve um notável acervo de realizações, como a efetivação do processo do zoneamento costeiro, a criação e o fortalecimento de equipes institucionais nos Estados e o aumento da consciência da população em relação aos problemas da Zona Costeira.

Sobre o PNGC, afirmou o IAB em suas sugestões protocolizadas junto à SEMACE:

É preocupante o fato de que, no atual texto do decreto, alguns tipos de uso e ocupação do solo por ele proibidos, são atualmente permitidos pelos Planos Diretores dos municípios, alguns deles em "áreas urbanas consolidadas", como por exemplo, construção em área de dunas na Barra do Ceará, Mucuripe ou no Bairro das Dunas (Fortaleza), no Porto das Dunas (Aquiraz) ou em Canoa Quebrada (Aracati). (IAB, 2009).

Há muitas ferramentas de planejamento e gestão dos nossos espaços, sejam eles naturais ou construídos, porém um dos problemas mais agravantes para o precipitado - e muitas vezes ilegítimo - uso destes espaços é a não conformidade existente entre as próprias leis que vigoram no país. Segundo orientação do próprio PNGC, os Planos Municipais de Gerenciamento Costeiro devem guardar estreita relação com os planos de uso e ocupação territorial e outros pertinentes ao planejamento municipal.

Para Arruda, o turismo pode ser encarado como "causa" e a ocupação irregular como "consequência" quando se fala de políticas públicas à zonas costeiras no Ceará. Segundo ele, a zona costeira não precisa ser intocada, mas é imprescindível que haja educação para mostrar a população que o uso sustentável é de suma significância para perpetuar o uso e a produção nestas áreas. A gestão dos espaços costeiros precisa procurar alternativas econômicas criativas para se apropriar dos espaços impactando minimamente nos processos naturais e sociais.

Análise sequencial/visão serial:

Mapa 3.4
Visão serial - Percurso 01.

Fonte: elaborado pela autora.



01



02



03



04



05



07



06

Fig. 3.16-52
Fonte: Acervo da autora.

Análise sequencial/visão serial:

Mapa 3.5
Visão serial - Percurso 02.

Fonte: elaborado pela autora.



08

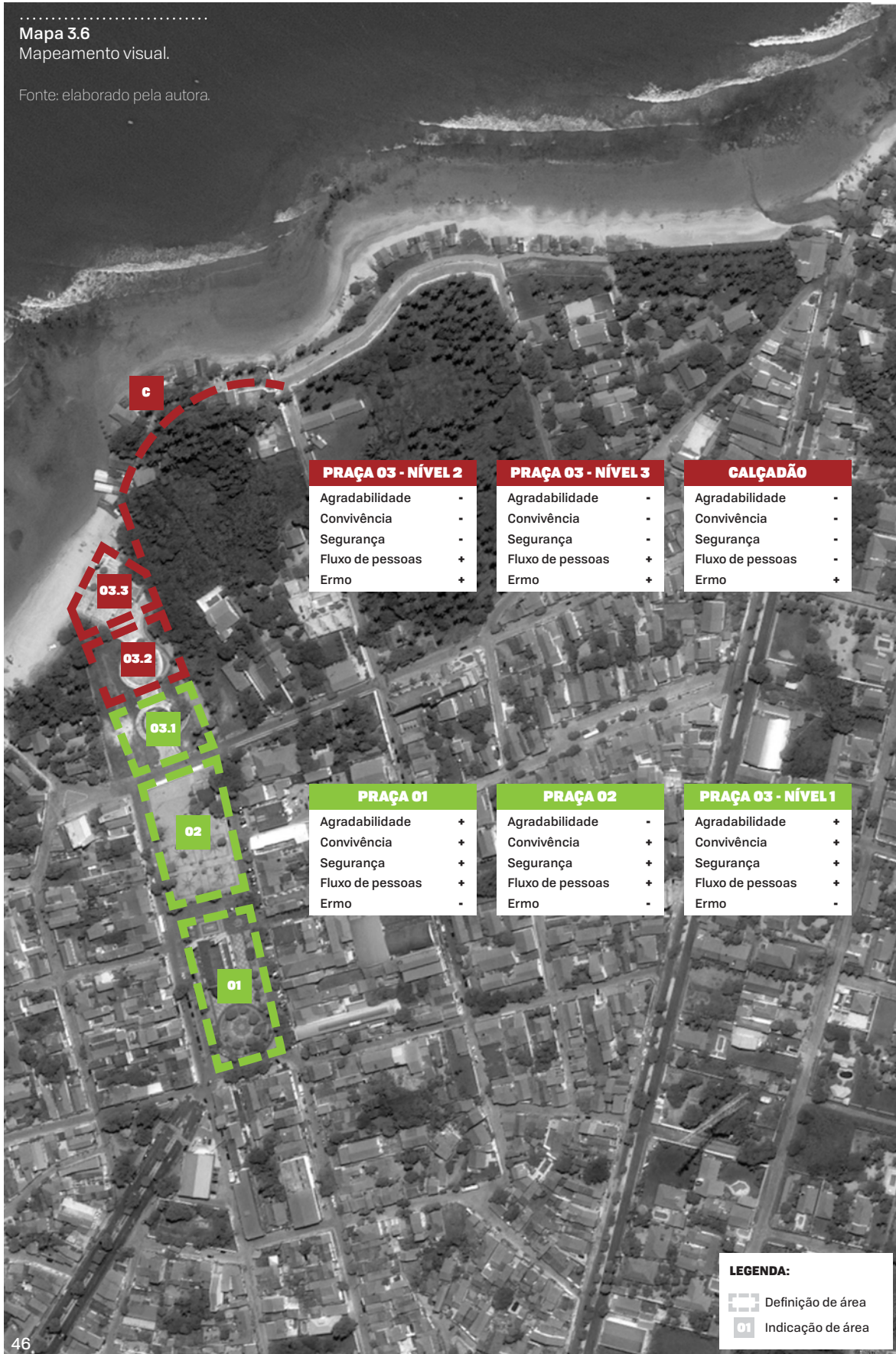


Fig. 3.53-67.
Fonte: Acervo da autora.

Mapeamento visual:

Mapa 3.6
Mapeamento visual.

Fonte: elaborado pela autora.



Análise walkthrough:

Aspectos considerados	Autora	Usuário esporádico	Usuário permanente
Construtivos-organizacionais das edificações	Bom	Regular	Bom
Variação de usos	Ruim	Ruim	Péssimo
Periodicidade dos usos	Péssimo	Regular	Péssimo
Apego pela população	Ruim	Ruim	Ruim
Aspectos estéticos	Regular	Ruim	Bom
Conforto ambiental	Ruim	Ruim	Ruim
Acessibilidade	Ruim	Ruim	Ruim
Segurança	Péssimo	Regular	Péssimo
Sinalização	Péssimo	Ruim	Ruim
Variação de usuários	Bom	Regular	Ótimo
Potencial paisagístico	Ótimo	Ótimo	Ótimo
Infraestrutura	Regular	Ruim	Regular

Tabela 2.1 Tabela de análise walkthrough.

Fonte: elaborado pela autora.

Cartografia sensorial urbana:

Ambientes sombreados



Fig. 3.68-69 Ambientes sombreados.

Fonte: Acervo da autora.

Ambientes não sombreados



Fig. 3.70-71 Ambientes não sombreados.

Fonte: Acervo da autora.

Ambientes inapropriados

Fig. 3.72-81 Ambientes inapropriados.

Fonte: Acervo da autora.



Ambientes degradados



Fig. 3.82-91 Ambientes degradados.

Fonte: Acervo da autora.

Ambientes degradados

Fig. 3.92-101 Ambientes degradados.

Fonte: Acervo da autora.



Ambientes degradantes



Fig. 3.102-104 Ambientes degradantes.

Fonte: Acervo da autora.

Ambientes sujos



Fig. 3.105-108 Ambientes sujos.

Fonte: Acervo da autora.

Ambientes abandonados

Fig. 3.109-115 Ambientes abandonados.

Fonte: Acervo da autora.



Diagnóstico da área de intervenção

Baseados nas análises apresentadas, nesta seção serão expressas as conclusões obtidas e seus rebatimentos na proposta de intervenção.

Plano turístico:

Se bem planejado, o turismo pode contribuir para a conservação do meio ambiente, incentivar a preservação de áreas naturais e reduzir impactos negativos como as falhas no sistema de esgoto e a poluição. O real desenvolvimento ocorre quando se leva em consideração o reconhecimento e a valorização dos ativos locais, pois, desta maneira, envolve as dimensões de autonomia, cidadania e participação ativa dos nativos. Assim, conseguimos o aprimoramento das potencialidades baseando-nos nas vocações do território e de sua comunidade e diminuimos as desigualdades. Crescem juntos economia, educação, oportunidades, qualidade de vida, infraestrutura e interação entre a sociedade e o poder público na tomada de decisões. Portanto, é importante que no caso de Paracuru seja realizada uma compatibilização entre as leis incidentes no território para que baseados em uma mesma regência, equipes de planejamento possam programar o desenvolvimento do setor turístico de forma a possibilitar o crescimento da sociedade em seus outros aspectos condicionantes e respeitar o ecossistema local.

A ideia do projeto aqui proposto é incentivar na cidade outras formas de turismo além da que hoje é mais significativa para o município: praia e sol (relacionada à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor). Baseados nas tipologias consideradas pelo Ministério responsável pelo assunto, optamos por estimular os turismos:

- Social (promove a igualdade de oportunidades, a solidariedade e o exercício da cidadania na visão da inclusão);
- Cultural (relacionado a vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valoriza e promove os bens materiais e imateriais da cultura);
- De estudos e intercâmbio (movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional);
- De esportes (decorrente da prática, do envolvimento ou da observação de modalidades esportivas);
- Ecoturismo (utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural incentivando a sua conservação, através da consciência ambientalista e promovendo o bem-estar das populações).

Este incentivo para o aprimoramento das motivações turísticas ocorrerá na criação de espaços atrativos em diferentes níveis e públicos inseridos no programa de necessidades da Escola de Dança de Paracuru e de seu entorno.

Desapropriações:

Tanto o processo de erosão acelerado quanto a necessidade de revitalizar a área da orla tornando-a assim mais segura, útil e atrativa, justificam a desapropriação das barracas de praia e das edificações inseridas no local. Este processo que foi previsto no PDP e também no projeto de requalificação da orla de Paracuru já está em andamento. O aviso foi emitido pela prefeitura aos donos das barracas, pois há a intenção do governo de concluir a construção da praça José Batista de Carvalho, mais conhecida como praça do farol. "Ações de manejo por parte da administração pública, são bem relevantes quando ponderamos o avanço das linhas de costa do município e o nível de erosão já constatado em estudos na orla de Paracuru." (ARRUDA, 2013, p. 120).

Praças:

A partir das avaliações do ambiente urbano, chegamos a conclusão de que os espaços públicos existentes não mantêm uma ligação entre si com relação a identidade visual, pavimentação, sinalização, distribuição e tipos de mobiliários urbanos. Este problema pode ser visto quando analisamos o percurso realizado entre as três praças principais da cidade e a beira-mar. Além dessa mistura, visualizamos também que há um certo abandono no que diz respeito aos cuidados com os equipamentos públicos, principalmente à medida em que vamos nos aproximando da praia. Mobiliários deteriorados, vandalizados, iluminação precária e locais ermos são fatores que contribuem para que haja uma sensação de insegurança por parte do usuário. Sensação esta que de fato faz sentido, pois a população se utiliza de muitos locais para praticar atos ilícitos, como uso de drogas e assaltos.

Averiguamos que, por conta dos maus tratos, do descuido com relação a acessibilidade, da insegurança, da ausência de variações de uso, de sombreamento e de sinalização, a praça José Batista de Carvalho não se caracteriza como um local de permanência, servindo apenas de passagem para as pessoas que querem acessar a faixa de praia. A população não tem pelo espaço um sentimento de apropriação, pelo contrário, chegam a evitar transitar pela área. Por todos os motivos já citados, como era de se esperar, não há uma periodicidade no uso deste sítio. Observamos que durante o dia o fluxo que ocorre é majoritariamente de surfistas e pescadores. À medida que a noite vai chegando, o ambiente passa a ser muitas vezes hediondo.

Seu uso noturno se resume às práticas ilícitas já citadas e à permanência temporária de casais que descem à praça do farol para namorar ou até terem relações sexuais. Nota-se também que há uma inversão quando relacionamos a "parte baixa" com a "parte alta", pois o primeiro núcleo da praça, que está mais próximo da rua, é utilizado para a permanência de grupos que sentam nos bancos e ficam conversando no período da noite, mas o mesmo não ocorre durante o dia por conta da insolação forte aliada a falta de sombreamento.

Irregularidades na costa:

Constatou-se também que o descaso inclui serviços primordiais como o saneamento básico. Ao caminhar pela faixa de areia, nos deparamos com muitas galerias onde são despejados esgotos e águas pluviais que contribuem para a degradação do meio ambiente, para a intensificação da erosão já comentada e para o comprometimento da balneabilidade.

Potencial:

Apesar de todos os fatores negativos levantados pela análise, constatamos que o local possui um apelo estético e um potencial paisagístico diferenciado. Mesmo não tendo periodicidade e variação de usos, percebemos que há variação de usuários. Podemos encontrar famílias transitando na área, grupos de jovens, surfistas, pescadores, turistas, enfim, variados são os tipos de usuários em estereótipo, sexo, classe e idade. Averiguamos também que a população se apropria bastante da faixa de praia para fins esportivos, de lazer e turísticos.

“A expressão e a criação no nível do corpo são próprias do ser humano, qualquer que seja seu estágio cultural ou qualquer que seja sua condição física. A necessidade de mover-se é parte da pessoa e quanto mais seja ajudada a expressar-se, mais benefícios obterá para o resto de suas atividades em sua vida privada ou social.”

MARIA FUX.

4 **ESTUDO DE CASO**

A princípio, para idealizarmos o projeto, foram pensadas algumas diretrizes básicas que almejávamos seguir para ter como solução algo que se encaixasse nos moldes do que consideramos uma boa arquitetura. Muitos desses conceitos já foram comentados aqui quando citamos os objetivos do trabalho, mas serão elencados de forma sucinta nesta parte para que possamos entender as escolhas dos estudos de caso. São eles:

- Valorização do espaço público;
- O edifício como uma vitrine, não apenas expositiva, mas também participativa;
- Conforto ambiental;
- Iluminação natural;
- Integração e participação da comunidade;
- Criação de um novo marco para a cidade e para a dança;
- Variação de usos e horários.

Tendo posto isto, selecionamos aqui algumas obras para analisar segundo as três primeiras premissas citadas.

Escola Los Nogales

Projeto de Daniel Bonilla Arquitectos, o Centro de Artes está situado em Bogotá, na Colômbia e faz parte do campus da Escola Los Nogales. O projeto data de 2009 e possui uma área de 1576 m².



Fig. 4.1 Implantação do Centro de Artes.

Fonte: archdaily.com.br

Segundo o arquiteto: "Uma edificação onde se agrupam as artes plásticas e a música deve ser concebida como um ambiente plural, um lugar de encontro, um referencial motivador, um destino atrativo e, especialmente, um espaço inspirador".

Há neste projeto uma interessante relação dual. No primeiro nível estão dispostas as instalações voltadas para música e dança e no segundo para as artes plásticas. A conexão entre os dois é feita por uma grande escadaria que pode ser considerada um lugar de encontro. Além de espaço articulador, o ambiente funciona como uma galeria para exposições e performances. Este é o espaço de maior convivência criado pelo projeto, que, apesar de estar rodeado de jardins, tem como ambiente criado com fins de convívio esta ala de acesso.

Fig. 4.2 Planta baixa do pavimento térreo.

Fonte: archdaily.com.br

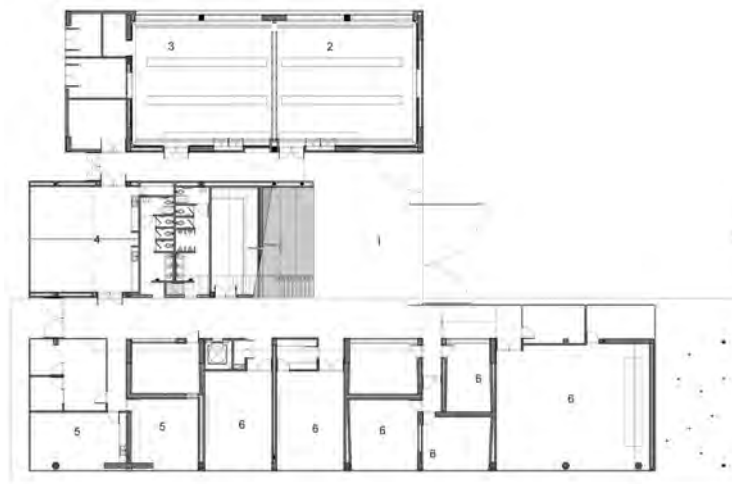


Fig. 4.3 Planta baixa do primeiro pavimento.

Fonte: archdaily.com.br

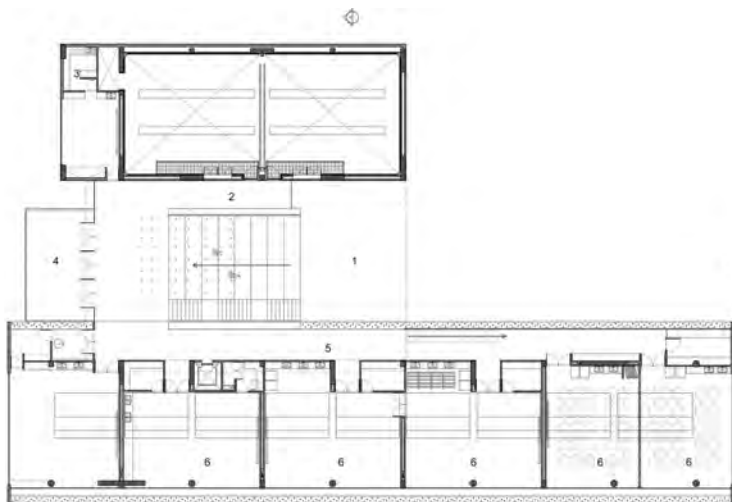
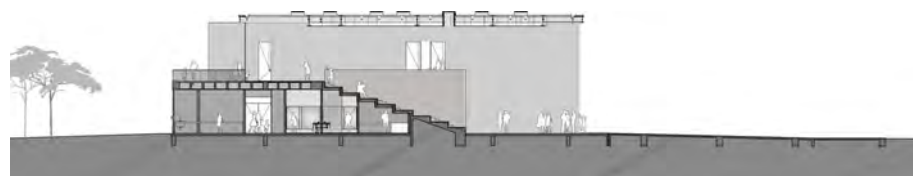


Fig. 4.4 Corte da escadaria.

Fonte: archdaily.com.br





.....
Fig. 4.5 Escadaria.

Fonte: archdaily.com.br

O Centro de Artes é um edifício pertencente a um campus escolar, portanto, se fez necessária a utilização de materiais que já caracterizavam os edifícios existentes, mas dando-lhes uma nova abordagem para que fosse alcançada uma dimensão mais atual em estética e espacialidade. O jogo de cheios e vazios, opacos e transparentes, torna interessante não só a aparência da edificação como também direciona o olhar para o que deve ficar exposto.



.....
Fig. 4.6 Croqui.

Fonte: archdaily.com.br



.....
Fig. 4.7 Visão geral.

Fonte: archdaily.com.br

Podemos notar também que há uma hierarquização das "vitrines". A escolha de deixar ao nível do piso atividades consideradas mais dinâmicas corporalmente e com mais proximidade do gosto popular já revela um certo interesse em mostrar o que está sendo produzido. Seguindo o mesmo princípio, podemos refletir também sobre a escolha de trabalhar as "vitrines" do primeiro pavimento com elementos verticais e em contrapartida deixar o térreo totalmente livre de obstáculos visuais. Podemos concluir que o olhar é direcionado em 4 estágios: no primeiro, vê-se a edificação como um todo; no segundo reparamos as vitrines livres; no terceiro somos atraídos pela visão dos vidros sobrepostos por brises e, no quarto estágio, vemos as caixas vedadas de alvenaria.

Fig. 4.8 Brises (à esquerda).

Fig. 4.9 Detalhe entre as esquadrias e os brises (à direita).

Fonte: archdaily.com.br

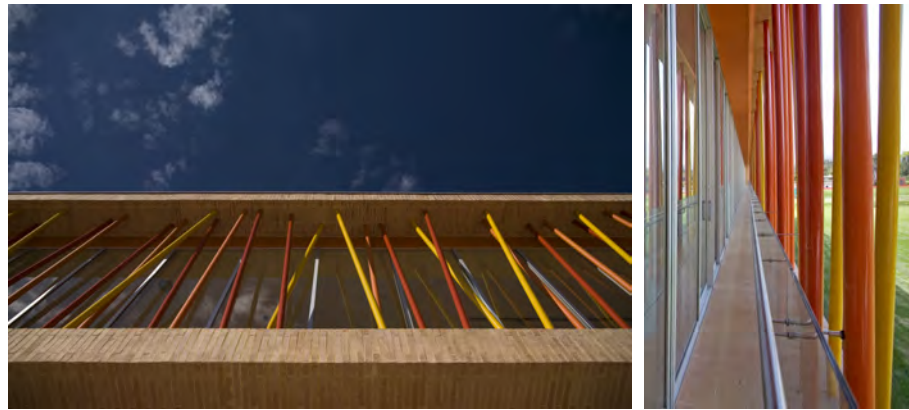


Fig. 4.10 Fachada sul.

Fonte: archdaily.com.br



É importante ressaltar que apesar de possibilitar a transparência entre interno e externo, esta relação não troca nada além de visuais. Quem está dentro pode ver o que acontece fora, mas não está em troca direta com o ambiente no que diz respeito aos outros sentidos corporais.

Fig. 4.11 Permeabilidade visual e não física das "vitrines" (à esquerda).

Fig. 4.12 Vedações externas (à direita).

Fonte: archdaily.com.br

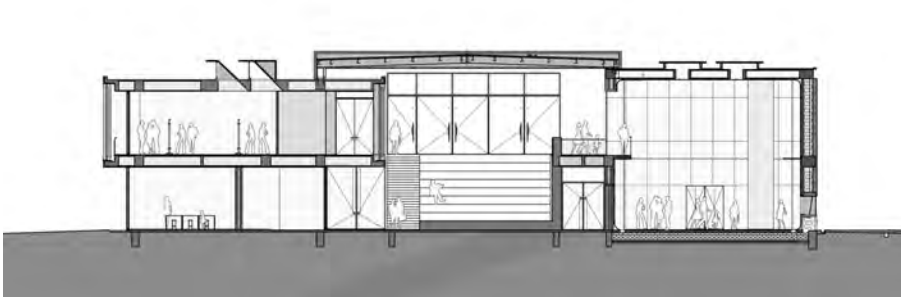


A escolha dos materiais foi também um aliado nas questões de conforto ambiental. O uso da madeira em certos ambientes na ala de música possibilitou um bom desempenho acústico. Em outros locais, para o mesmo fim, foram utilizados painéis absorventes acústicos e tapetes. Nos salões de arte predominaram paredes brancas e clara-boias que permitem a captação de luz exterior de forma indireta.



.....
Fig. 4.13 Sala de música.

Fonte: archdaily.com.br



.....
Fig. 4.14 Corte claraboias.

Fonte: archdaily.com.br

Outro artifício do qual o projeto se valeu foi o desenvolvimento de um sistema de entrada de ar por convecção natural através de dutos acústicos de injeção de ar no forro. Essa artimanha foi crucial para o conforto nos salões de música que devem ser herméticos.

Escola de Dança de Llíria

Projeto de Hídalgomora arquitectura, a Escola está situada em Llíria, Valencia, Espanha. O projeto data de 2011 e possui 664 m² de área construída.

O edifício está localizado ao lado do Conservatório de Música. Esta configuração reúne, em uma mesma área, a educação artística oferecida pela cidade de Liria, popularmente conhecida como "Cidade da Música". Há uma ligação entre os dois prédios através da calçada, mas não foi criado nenhum espaço de convivência interme-

diário que aproveitasse a localização e incentivasse a troca entre os usuários das edificações.

Fig. 4.15 Relação entre conservatório e escola de dança.

Fonte: Google Maps.



Há também uma área livre no terreno que fica por trás da edificação e foi designada como uma área de jardim. Porém, o uso desta como espaço de convivência não foi aproveitado, o que acarretou em um local subutilizado que serve apenas aos olhos e não aos usuários.

Fig. 4.16 Implantação.

Fonte: Google Maps.



O resultado volumétrico, prático e funcional deste prédio pode sim ser considerado promissor. O edifício é resolvido em uma única planta. O setores foram divididos em dois volumes articulados por 3 passagens envidraçadas que dão acesso às salas de danças.

O primeiro volume tem acesso para a rua e se abre ao exterior através de grandes vidros que iluminam o edifício. A conexão física com o espaço público se dá através da entrada, mas em seu restante, fica apenas no nível visual. Este volume abriga os setores administrativos, banheiros e vestiários. Atrás dele está um segundo volume com



Fig. 4.17 Esquadria contemplativa.

Fonte: archdaily.com.br



Fig. 4.18 Planta baixa.

Fonte: archdaily.com.br

forma e altura diferentes, que se separa voluntariamente da rua para abrigar as salas de dança. Cremos que esta escolha seja baseada na ideologia de ensino da escola, pois a decisão projetual de isolar as salas de dança do exterior é baseada numa necessidade de intimidade pontuada pelo método de ensino. Todas as três salas deste segundo volume têm grandes aberturas envidraçadas, mas elas se dirigem para o jardim que se estende ao pé da cidade de Liria. Portanto, aqui temos um caso de "vitrine" reversa, onde o exterior não é incentivado a ver o que acontece no interior do edifício e o interior, por sua vez, possui a visão contemplativa do espaço em seu entorno. Enfatizamos também que neste exemplo a troca permanece sendo apenas visual e não atingindo níveis físicos.

A proteção das vitrines com perfis tubulares verticais de aço enferrujado inclinados não serve apenas para barrar as visuais, mas

também para quebrar a insolação direta. A luz permanece passando e aquecendo o ambiente interno, mas de forma amenizada. Além disto, o artifício foi imprescindível para a criação de um sutil jogo de luz e sombra dentro do prédio. Observamos também que não é interessante para o local a troca entre ambiente externo e interno, por isso a opção por condicionamento artificial.

Fig. 4.19 Enquadramento dos brises (à esquerda).

Fig. 4.20 "Vitrine" reversa (à direita).

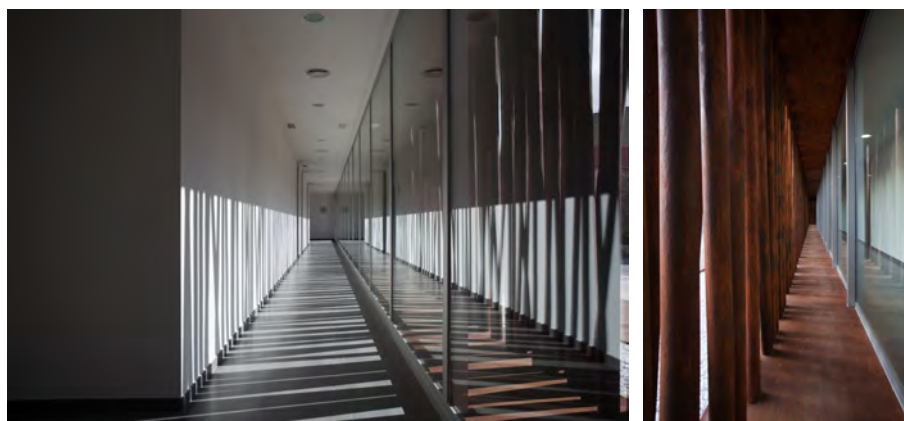
Fonte: archdaily.com.br



Fig. 4.21 Corredor interno (à esquerda).

Fig. 4.22 Distanciamento entre brises e esquadrias (à direita).

Fonte: archdaily.com.br



Centro Cultural da Luz

Projetado pelo escritório suíço Herzog & De Meuron, o Centro Cultural será situado em São Paulo. O projeto data de 2009 e possui 70.000 m² de área construída.

A proposta do espaço é ser um dos mais importantes centros destinados às artes do espetáculo do Brasil. O edifício abrigará diferentes equipamentos culturais para a encenação de musicais, óperas, shows de música popular e outras manifestações artísticas. Tem como objetivo se tornar o maior polo cultural da América Latina.

Reúne, em área praticamente contínua, no bairro da Luz (região central de São Paulo), a Sala São Paulo, a Tom Jobim – Escola de Música do Estado de São Paulo, a Pinacoteca do Estado, a Estação Pinacoteca, o Museu da Língua Portuguesa, o Museu de Arte Sacra, a Estação Júlio Prestes e o Parque da Luz. Juntos, estes equipamentos formarão um cinturão urbano específico alternando espaços verdes e edifícios culturais, estabelecendo um novo destino cultural no Centro de São Paulo. Podemos pensar nesta edificação como articuladora de fluxos e possibilitadora de permanências, trocas e convívio. Trabalhar a fluidez dos acessos foi a grande contribuição deste proje-

to. Também podemos observar o uso do paisagismo como ferramenta para conectar público e privado de maneira mais leve e permeável.



Fig. 4.23 Acesso fluido.

Fonte: arcoweb.com.br

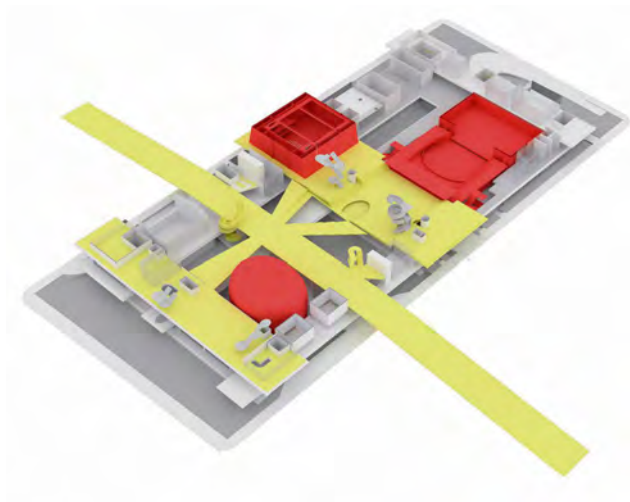


Fig. 4.24 Acesso principal.

Fonte: arcoweb.com.br

Segundo análise feita por Evelise Grunow, publicada na edição 385 da revista Projeto Design:

No caso do projeto paulista, a ausência de estilo (formal) se dá pela recusa à criação de um objeto coeso, escultórico. Na análise de Thiago Bernardes trata-se, antes, da visão estrangeira de um parque tropical, verde, transparente e vazado, habitado ainda pelas escolas, conjunto de teatros e facilidades do centro cultural. Elege-se uma sensação do lugar - vazado, verde, transparente e de conexão entre edifícios de programas compatíveis -, que está na origem do conceito do projeto. A arquitetura fluida resulta da ausência de fachadas e dos vazios criados pelos balanços e afastamentos

entre lajes, tanto nas bordas quanto no interior da edificação. O paisagismo está estruturado em faixas nas bordas do edifício que se destinam tanto à integração da arquitetura com o eixo verde da Luz quanto à transição dos domínios públicos para os semipúblicos. (GRUNOW, 2012).

Segundo esta análise podemos concluir que aqui o edifício não se caracteriza como uma vitrine expositiva e sim como uma exposição sensorial das atividades e relações por ele propiciadas. A fluidez dos percursos, a permeabilidade visual e física, o convite a exploração de novas áreas e a disponibilidade de espaços de convivência tornam para o usuário a vivência desta edificação uma experiência das mais naturais, agradáveis e encantadoras.

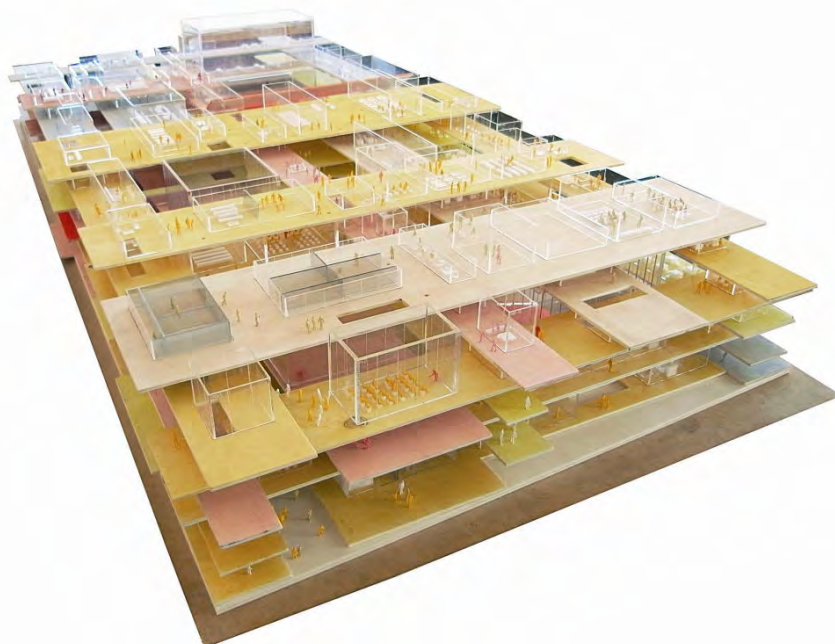
Fig. 4.25 Fluidez nos percursos.

Fonte: arcoweb.com.br



Fig. 4.26 Maquete esquemática.

Fonte: arcoweb.com.br

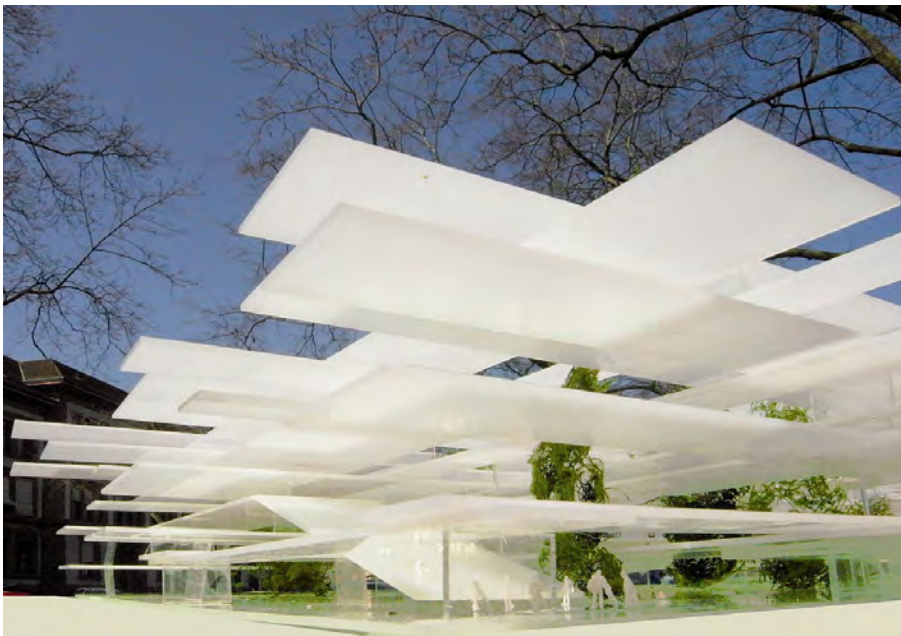


O jogo de lajes sobrepostas em diferentes níveis e traçados, mesclado às intervenções paisagísticas, propicia um dinamismo entre luz e sombra de forma a tornar o ambiente agradável não só climaticamente como sensorialmente. Aqui, conforto não é sinônimo apenas de variáveis climáticas, mas é também a vivência de um espaço arquitetônico intrigantemente convidativo.



.....
Fig. 4.27 Visão geral do edifício.

Fonte: arcoweb.com.br



.....
Fig. 4.28 Esquema de lajes sobrepostas.

Fonte: arcoweb.com.br

"A arquitetura eterniza e glorifica alguma coisa. Por isso não pode haver arquitetura onde não há nada a glorificar."

LUDWIG WITTGENSTEIN.

5 **PROPOSTA**



Diretrizes urbanas

Há um projeto para a área de intervenção em questão (em parte já executado) que trabalha a composição da orla de Paracuru. Optou-se por respeitá-lo fazendo apenas duas alterações: uma pequena modificação no desenho de parte do calçadão para distanciá-lo mais do mar e respeitar a faixa não edificável da praia [Fig. 5.1] e a retirada de um estacionamento que ocuparia parte do terreno onde foi proposta a Escola.

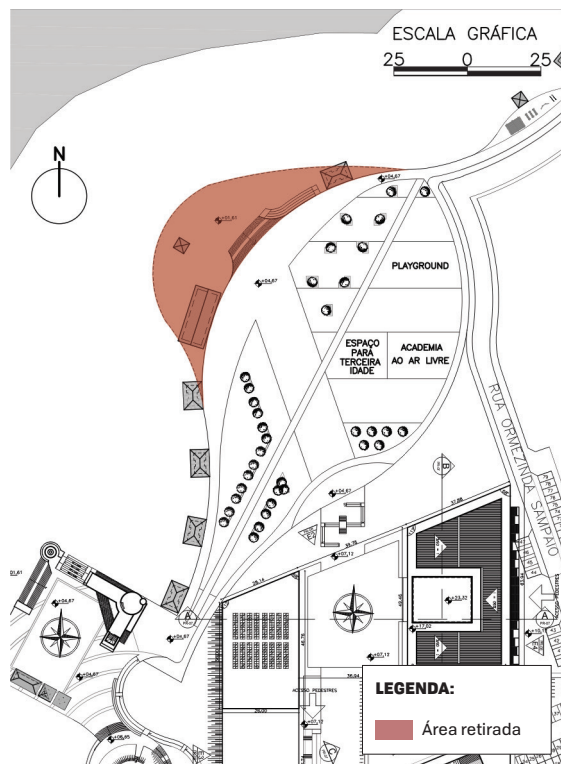


Fig. 5.1 Alteração no calçadão.

Fonte: elaborado pela autora.

O edifício proposto possui todas as vagas pedidas em legislação, mas o tipo delas foi escolhido através da vivência do espaço e após uma pesquisa feita na Escola, onde notou-se que o carro e a motocicleta são os transportes menos comuns entre os usuários do equipamento. Portanto, após uma análise crítica dividimos as vagas entre: 148 bicicletas, 35 motocicletas e 79 carros.

Transporte	Bicicleta	Carro	Motocicleta	Transporte escolar	A pé
Alunos	40%	15%	15%	15%	15%

Tabela 5.1 Meios de transporte utilizados pelos alunos da escola.

Fonte: elaborado pela autora.

Outro ponto mantido foi a Biblioteca Pública. Localizada na praça central, o edifício possui apenas um pavimento e está bastante sucateado. Como diretriz, propõe-se aqui um aumento desta utilizando o “subsolo”, pois seguindo a topografia, a nova área não seria de todo enterrada e daria acesso ao nível da rua que a separa da Escola de Dança. Através da criação de uma passagem elevada, o fluxo entre

os dois equipamentos foi facilitado e incentivado. Com o objetivo de gerar essa circulação para que os usuários se apropriem da cidade, optou-se pela não criação de uma biblioteca dentro da Escola, e indicou-se que todo seu acervo irá para ampliação da Biblioteca Pública Municipal.

Perspectiva 5.1

Visão geral.

Fonte: elaborado pela autora.



Fig. 5.2 Situação.

Fonte: elaborado pela autora.



Como diretriz, as relocações deverão ser feitas no quateirão vizinho à área de intervenção. Após toda a análise aqui apresentada, propõe-se também que a mesma seja utilizada para um Centro de Educação Ambiental e uma praça que dê continuidade ao projeto urbano [Fig. 5.2].

Com a mudança de sedes da Escola de Dança, a sede antiga deverá ser utilizada pela Banda Municipal, para que permaneça tendo uso e auxiliando no crescimento da cultura na cidade.

O uso dado ao terreno, a criação de mais espaços públicos para a cidade e a fomentação da cultura são aspectos que valorizam as áreas públicas já existentes. A Escola ser flúida, convidativa, o Teatro se abrir para a praça, são formas de incentivar a integração e a participação da comunidade neste movimento, tornando assim a Escola de Dança de Paracuru um marco, não só por sua arquitetura como pelo apego da população.

Implantação

O edifício foi locado em uma área com grande potencial urbanístico por se tratar da ligação entre as principais praças da cidade e a beira-mar. A disposição de suas lajes acompanha o desnível do terreno caracterizando o prédio como um acesso entre a praia e a Rua Saturnino de Carvalho que passa 14,32 metros acima do nível do mar. Esta conformação cria várias percepções da edificação dependendo do ponto onde está o observador: quem olha para a entrada da escola vê um prédio de 3 pavimentos [Perspectiva 5.2]; quem olha a partir da praia percebe os 5 pavimentos em sua totalidade [Perspectiva 5.3].

A implantação foi definida a partir da orientação solar para que a edificação tivesse o melhor desempenho possível. Suas fachadas são todas protegidas de acordo com a necessidade vista no estudo de insolação. Nas fachadas leste e oeste foram usados brises ao longo de todo o pé direito, enquanto nas fachadas norte e sul os brises só existem na parte de cima do vão. Também foram usadas chapas perfuradas de aço corten para proteger as esquadrias da área de ensaio e as do teatro. Essas proteções foram pensadas de forma que permitissem ao máximo a entrada de luz, sem que houvesse a incidência direta de sol nas vedações. Também pensando na iluminação natural, em alguns pontos a laje da escola é pontuada com vidros que permitem esse fluxo.

Quanto à ventilação, temos aqui um edifício privilegiado pela sua proximidade com a orla. Como são protegidas pelo balanço e pelos brises, as esquadrias de cada ambiente puderam ser pensadas de acordo com suas necessidades específicas, por exemplo: na sala de música não temos aberturas, nas salas de aula teóricas optou-se pela esquadria alta, enquanto no centro de treinamento a esquadria ocupa todo o vão. Nesse sentido também foi pensada a implantação,

recuando o prédio do alinhamento da rua o suficiente para que o pavimento abaixo do térreo não tivesse a circulação de vento prejudicada.

Perspectiva 5.2

Vista a partir da Rua Saturnino de Carvalho.

Perspectiva 5.3

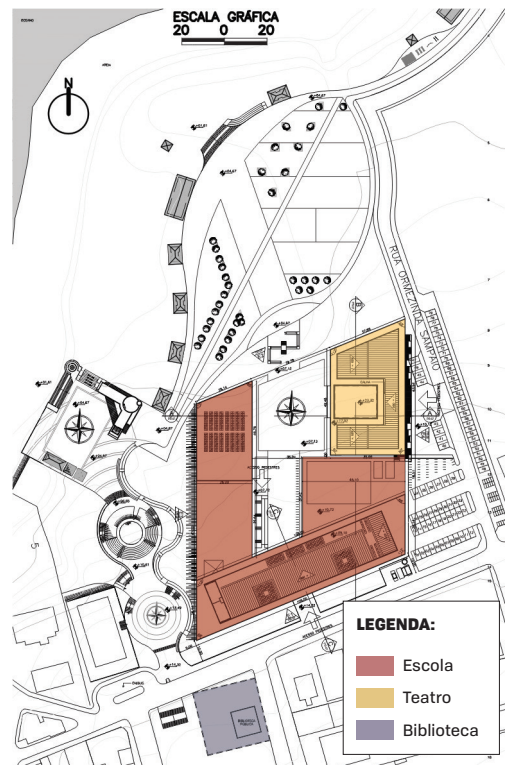
Vista a partir da praia.

Fonte: elaborado pela autora.



Fig. 5.3 Implantação.

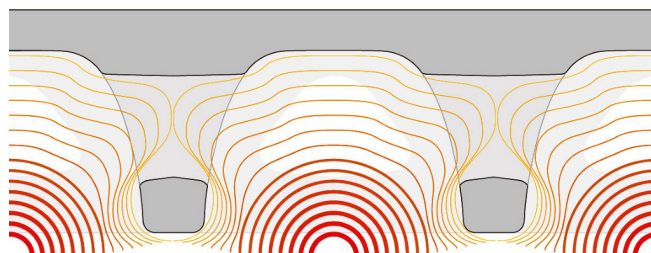
Fonte: elaborado pela autora.



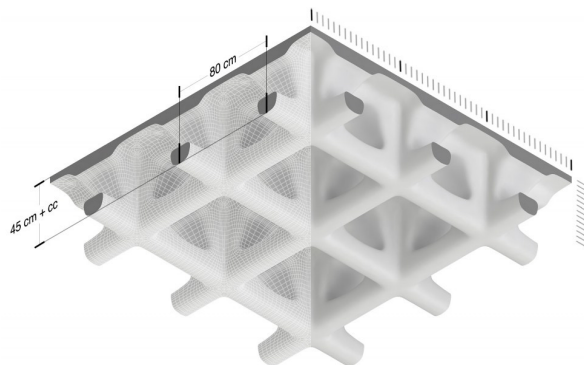
Na Escola, foi utilizada a laje HoleDeck, que nada mais é do que uma laje nervurada com aberturas em suas nervuras para passagem de instalações e diminuição do peso da estrutura. Esta escolha agrega valor no conforto por a laje possuir bom desempenho acústico.

Fig. 5.4 Desempenho acústico da laje.

Fonte: holedeck.com



Cumpra as normas acústicas CTE DB-HR relativas à reverberação e ao isolamento acústico. Não há necessidade de tetos falsos.



.....
Fig. 5.5 Esquema de laje hole deck.

Fonte: holedeck.com

Plantas

A variação dos usos proposta é uma forma de proporcionar o fluxo de pessoas em todas as horas do dia e da noite. A edificação oferta: ensino, cultura, moradia, trabalho, comércio e lazer.

A Escola de Dança de Paracuru tem como ideologia de ensino a troca entre o bailarino e o exterior. As salas são abertas para permitirem a visual da paisagem e a sensação do ambiente ao seu redor. Essa forma é vista como ideal em muitos estudos.

A eutonia é uma prática que convida à descoberta de si, sem a separação entre corpo e mente, dessa forma, sem se retirar do mundo e dos estímulos no entorno. A ideia é ampliar a consciência cotidiana de cada momento, fazer com que se perceba as sensações de cada instante, permitindo assim o estímulo da criação e da percepção. Dessa forma o ser passa a se ajustar melhor as situações da vida e enriquece não só sua personalidade como também sua realidade social.

Trata-se de um método investigatório e de observação do corpo em que a pessoa é, simultaneamente, o sujeito e o objeto da própria experiência. Essa experimentação constante e observação rigorosa do próprio corpo aguçam a sensibilidade proprioceptiva, desenvolvem um estado de presença autêntica de si em relação às pessoas, às coisas e ao mundo. Esse desenvolvimento de uma presença autêntica de si pode resultar numa mudança de hábitos e comportamento, significativa para uma transformação da pessoa e de sua atitude em relação ao outro. (DASCAL, 2008, p. 51).

Para Isabel Marques:

Atualmente, podemos pensar em propostas para o ensino de dança que não isolem os alunos entre as quatro paredes do estúdio ou da escola, já que a

imensa rede de relações, as teias multifacetadas de comunicação já fazem parte e hoje constituem o mundo contemporâneo. É mister pensarmos em um ensino de dança voltado para eco-ação (CAPRA, 1982), ou seja, uma maneira de educar que possibilite a formação de sistemas, de inter-relações baseadas na ideia de cooperação. Por meio da dança, podemos intervir e transformar as relações humanas e/com o meio ambiente. (MARGUES, 2012, p. 63).

Baseando-se nessa ideologia, optamos por transformar as salas de dança e os ateliês em vitrines com esquadrias que se abrem não só visualmente como também permitem a ventilação e a troca de sensações entre o interior e o exterior. Esta escolha não está focada apenas nos alunos, é interessante que a população possa ver o que acontece dentro das salas para fomentar a apropriação da escola e da cultura pela comunidade.

Para o Teatro, a escolha foi dividi-lo em três plateias, concedendo-lhe várias possibilidades de uso. Temos duas plateias internas que compõem um teatro de arena e a terceira é a praça que pode ser utilizada em apresentações gratuitas para a cidade.

Tabela 5.2 Quadro de áreas.

Fonte: elaborado pela autora.

PAVIMENTO NÍVEL 7.12M		QTDE.	ÁREA UNITÁRIA (m)	ÁREA TOTAL (m)
1	Salão Circense	1	216,84	216,84
2	Sala de dança e expressão corporal	1	216,84	216,84
3	Acervo figurinos	1	109,94	109,94
4	Acervo cenários	1	109,94	109,94
5	Depósito	1	66,25	66,25
6	Ambulatório	1	21,45	21,45
7	Palco	1	225,00	225,00
8	Proscênio	1	22,52	22,52
9	Salão de ensaio	1	202,00	202,00
10	Camarim masculino	1	68,02	68,02
11	Camarim feminino	1	95,40	95,40
12	Convivência	1	190,80	190,80
PAVIMENTO NÍVEL 10.72M		QTDE.	ÁREA UNITÁRIA (m)	ÁREA TOTAL (m)
1	Sala de ensaio	1	216,84	216,84
2	Sala de dança e expressão corporal	3	128,44	385,32
3	Sala multifuncional	1	128,44	128,44
4	Vestiário feminino	1	97,53	97,53
5	Vestiário masculino	1	97,53	97,53
6	Auditório	1	109,94	109,94
7	Ateliê figurinos	1	107,36	107,36
8	Ateliê cenários	1	113,09	113,09
9	Centro de treinamento	1	193,47	193,47
10	Departamento médico	1	30,00	30,00
11	Piscina nado sincronizado	1	600,00	600,00
12	Piscina PNE	1	32,00	32,00

13	Piscina infantil	1	32,00	32,00
14	Antecâmara	2	18,88	37,76
15	Platéia	2	285,00	570,00
16	Bilheteria	1	17,30	17,30
17	Cabine técnica	1	19,38	19,38
18	Foyer/Galeria	1	324,93	324,93
19	Caixas eletrônicos	1	14,94	14,94
20	WC masculino (teatro)	1	27,64	27,64
21	WC feminino (teatro)	1	24,77	24,77
22	Café	1	103,68	103,68
PAVIMENTO NÍVEL 14.32M		QTDE.	ÁREA UNITÁRIA (m)	ÁREA TOTAL (m)
1	WC feminino (escola)	1	47,22	47,22
2	WC masculino (escola)	1	47,22	47,22
3	Cozinha	1	16,86	16,86
4	Refeitório	1	222,91	222,91
5	Refeitório e convivência (funcionários)	1	80,84	80,84
6	Copa	1	9,61	9,61
7	WC masculino (funcionários)	1	19,41	19,41
8	WC feminino (funcionários)	1	19,41	19,41
9	Recepção	1	23,2	23,20
10	Secretaria	1	23,20	23,20
11	Coordenação	1	42,05	42,05
12	Presidência	1	29,00	29,00
13	Sala de operações	1	31,32	31,32
14	Sala dos professores	1	40,60	40,60
15	Sala de reuniões	1	46,40	46,40
16	Gás	1	2,80	2,80
17	Lixo	1	13,14	13,14
18	Casa de máquinas (teatro)	1	52,95	52,95
19	Café	1	16,13	16,13
PAVIMENTO NÍVEL 17.92M		QTDE.	ÁREA UNITÁRIA (m)	ÁREA TOTAL (m)
1	WC feminino (escola)	1	47,22	47,22
2	WC masculino (escola)	1	47,22	47,22
3	Sala de Música	1	64,00	64,00
4	Sala de edição e multimídias	1	64,00	64,00
5	Laboratório de anatomia	1	99,07	99,07
6	Laboratório de cinesiologia	1	99,07	99,07
7	Laboratório de informática	1	99,07	99,07
8	Laboratório de iluminação	1	99,07	99,07
9	Sala de aula teórica	4	64,00	256,00
10	Varandas (teatro)	1	119,84	119,84
PAVIMENTO NÍVEL 21.52M		QTDE.	ÁREA UNITÁRIA (m)	ÁREA TOTAL (m)
1	WC feminino (escola)	1	47,22	47,22
2	WC masculino (escola)	1	47,22	47,22
3	Cozinha	1	16,86	16,86
4	Refeitório e salão de convivência	1	222,91	222,91
5	Dormitório	8	29,83	238,64
6	Dormitório	8	32,36	258,88
7	Lavanderia e rouparia	1	32,36	32,36
8	Área de varal	1	32,36	32,36

Fig. 5.6 Planta baixa nível 7.12

Fonte: elaborado pela autora.

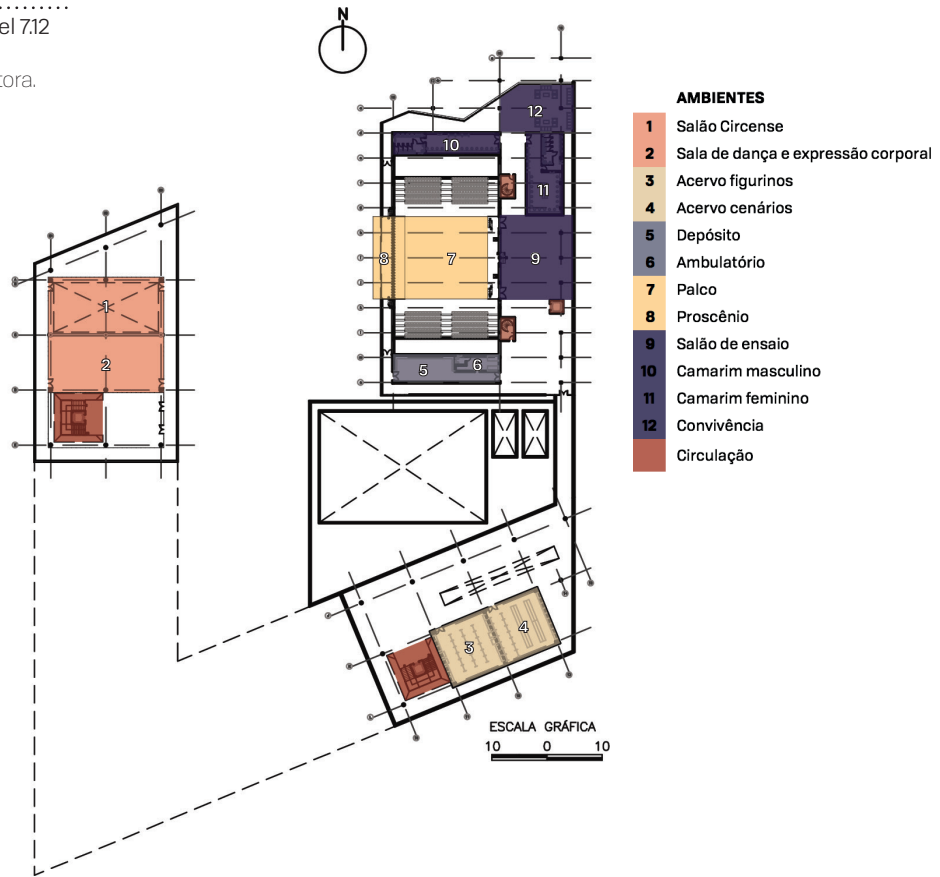


Fig. 5.7 Planta baixa nível 10.72

Fonte: elaborado pela autora.

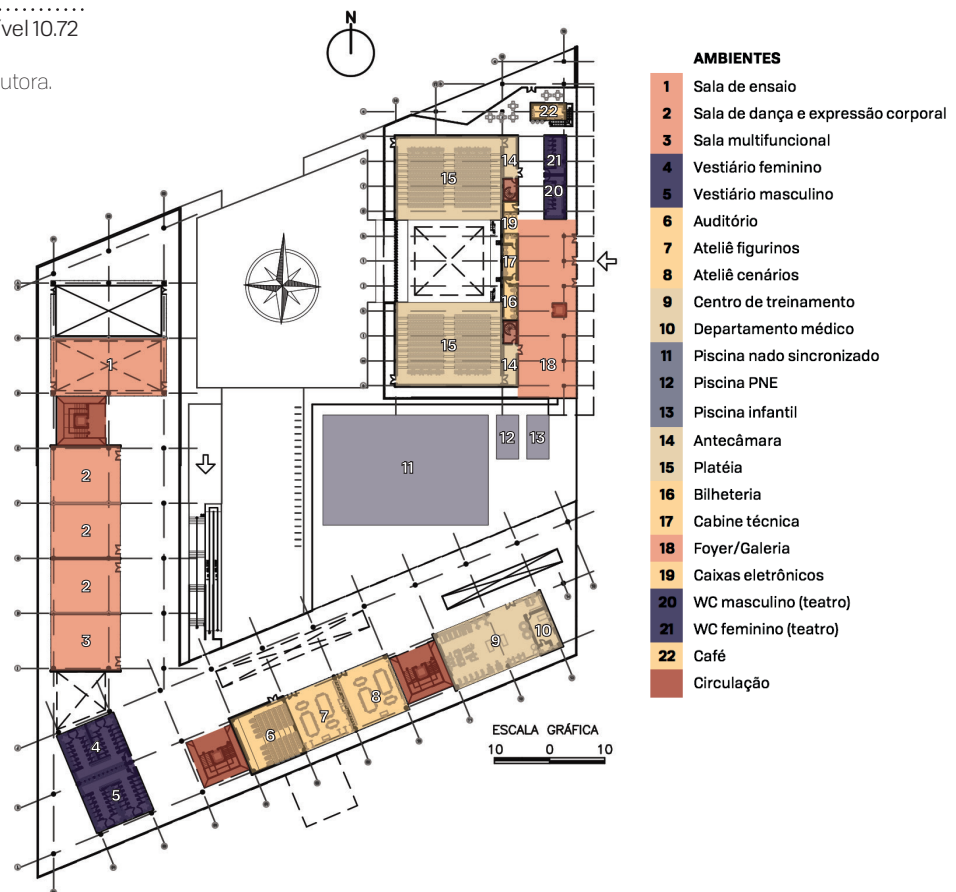


Fig. 5.8 Planta baixa nível 14.32

Fonte: elaborado pela autora.

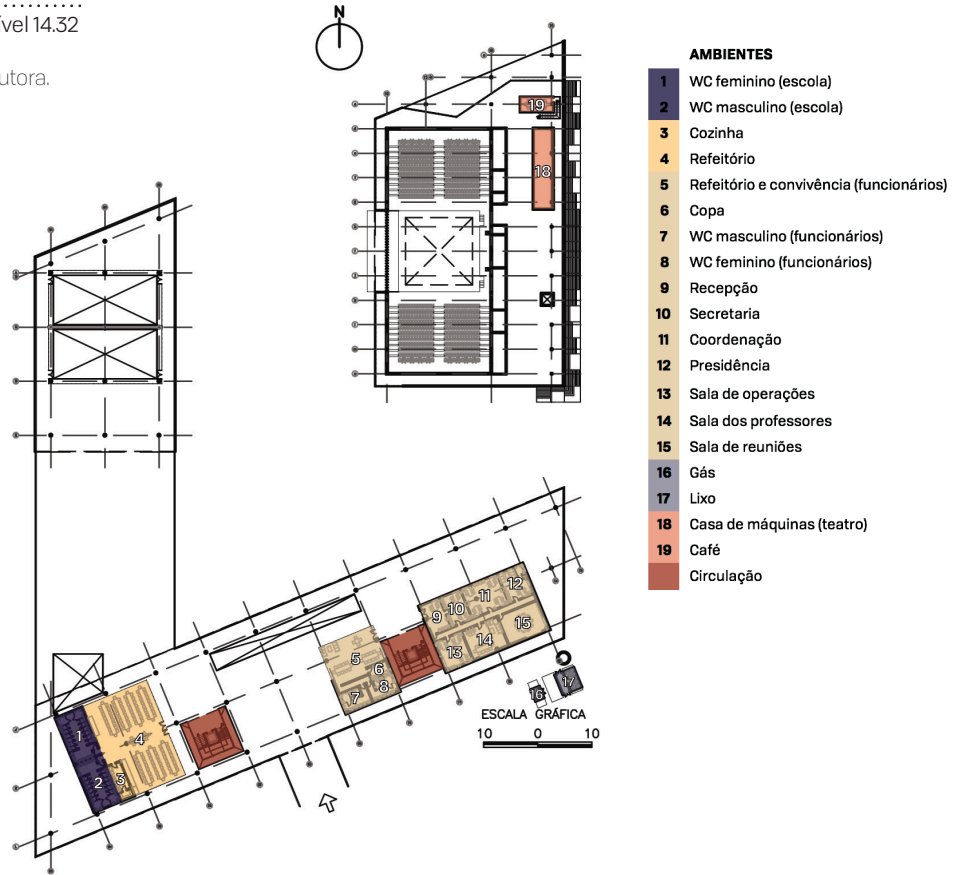


Fig. 5.9 Planta baixa nível 17.92

Fonte: elaborado pela autora.

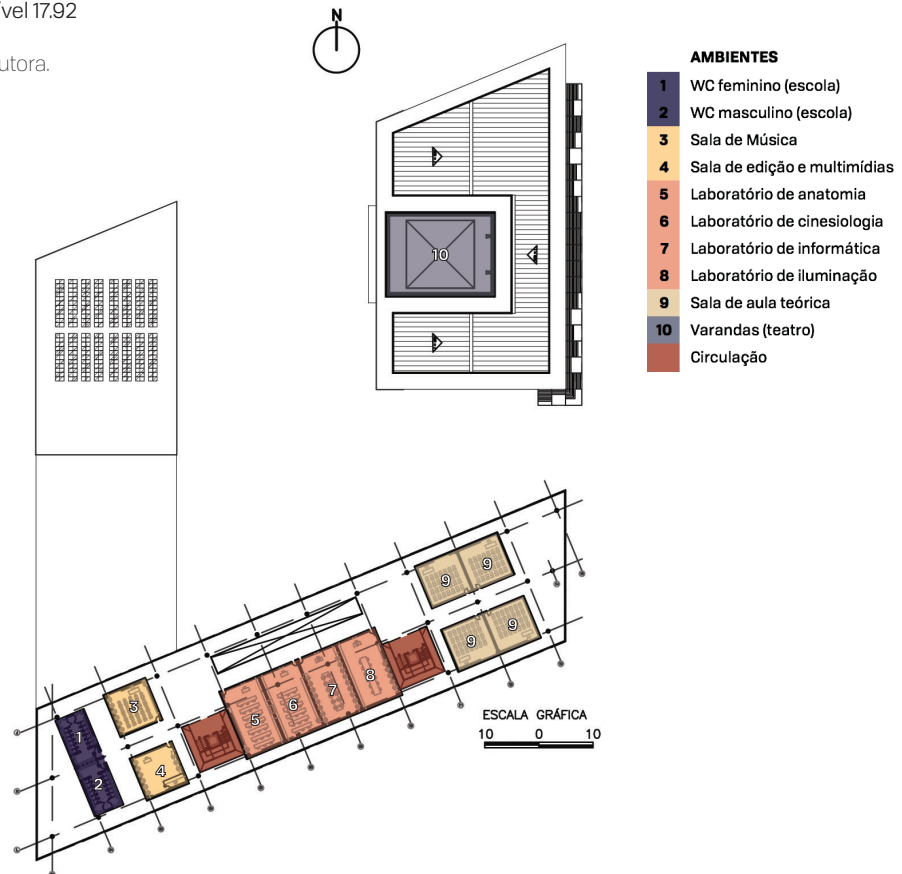
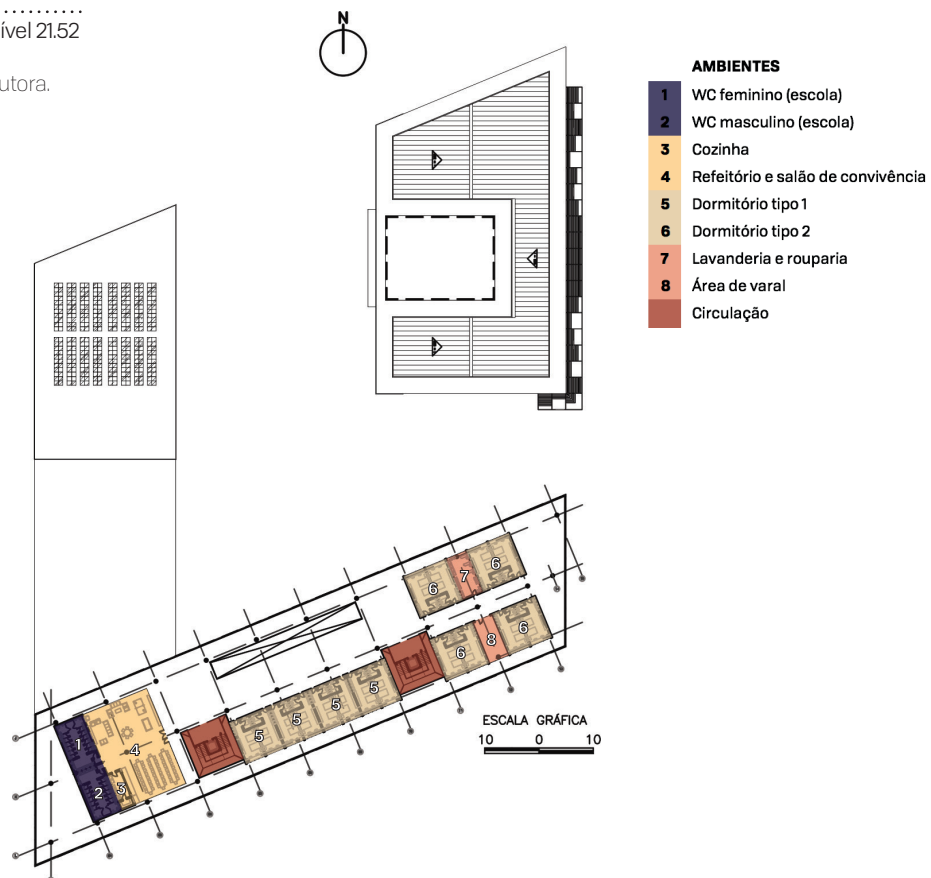


Fig. 5.10 Planta baixa nível 21.52

Fonte: elaborado pela autora.





.....
Perspectiva 5.4
Fonte: elaborado pela autora.





Perspectiva 5.5

Fonte: elaborado pela autora.



.....
Perspectiva 5.6

Fonte: elaborado pela autora.



.....
Perspectiva 5.7

Fonte: elaborado pela autora.



.....
Perspectiva 5.8

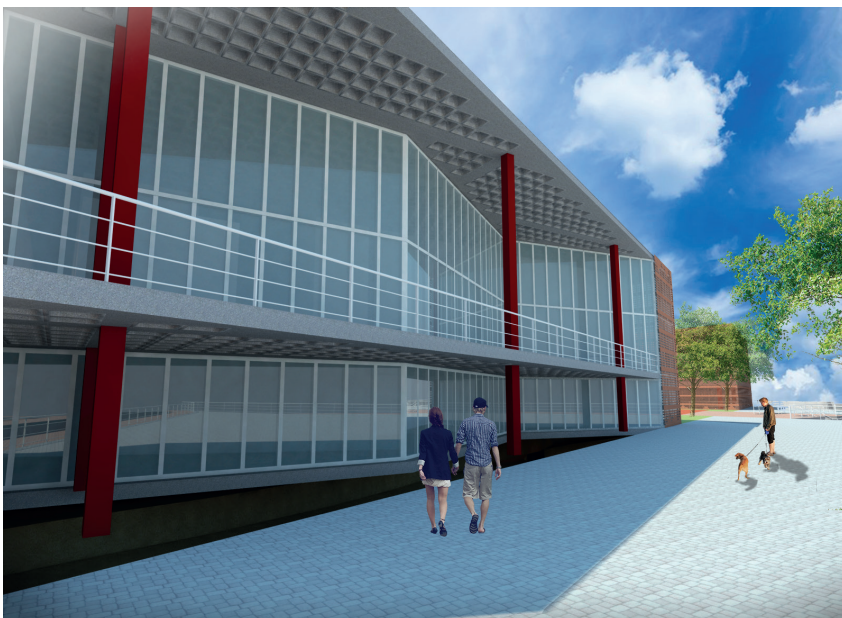
Fonte: elaborado pela autora.





.....
Perspectiva 5.9

Fonte: elaborado pela autora.



.....
Perspectiva 5.10

Fonte: elaborado pela autora.



.....
Perspectiva 5.11

Fonte: elaborado pela autora.



.....
Perspectiva 5.12
Fonte: elaborado pela autora.

teatro
flávio sampaio



Perspectiva 5.13

Fonte: elaborado pela autora.



Perspectiva 5.14

Fonte: elaborado pela autora.



Perspectiva 5.15

Fonte: elaborado pela autora.





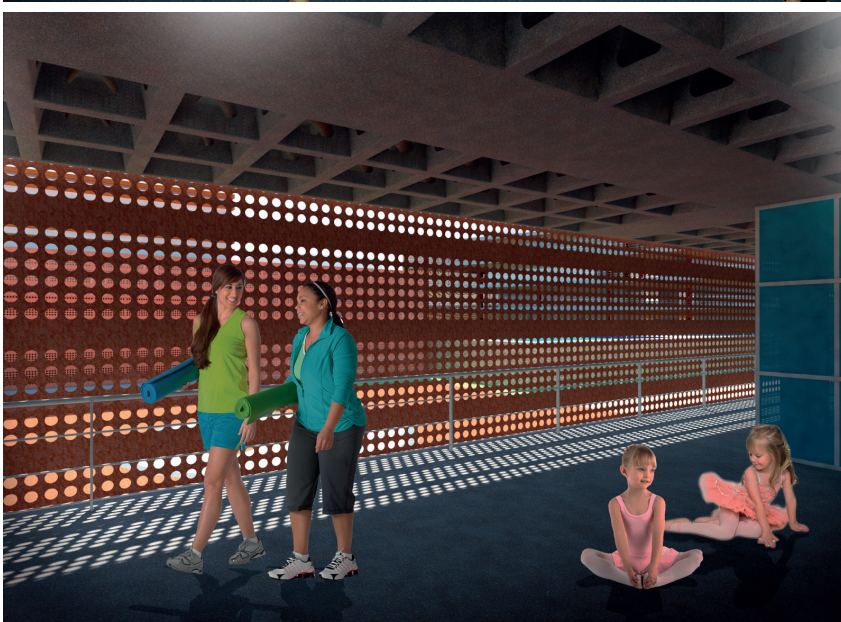
.....
Perspectiva 5.16

Fonte: elaborado pela autora.



.....
Perspectiva 5.17

Fonte: elaborado pela autora.

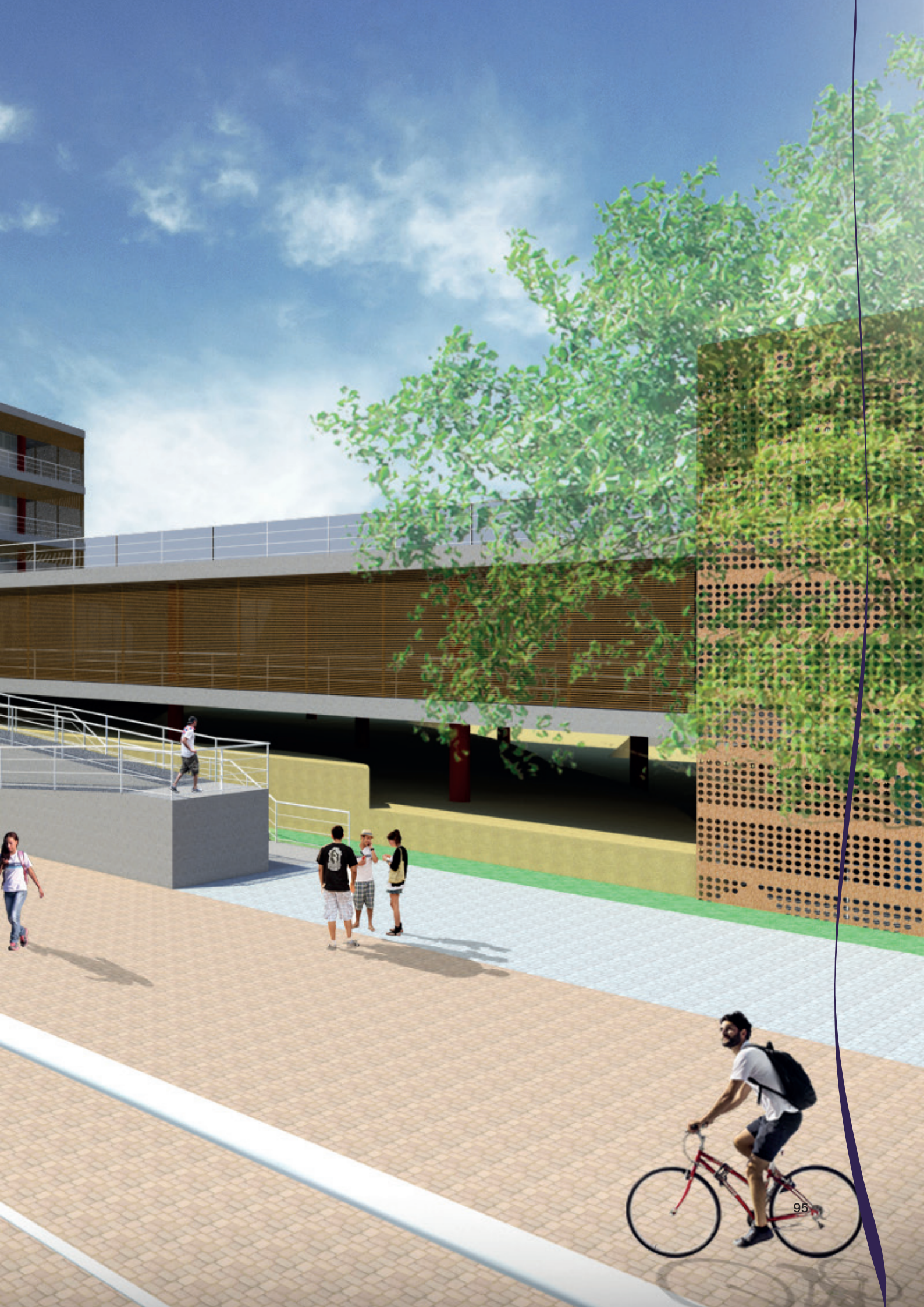


.....
Perspectiva 5.18

Fonte: elaborado pela autora.

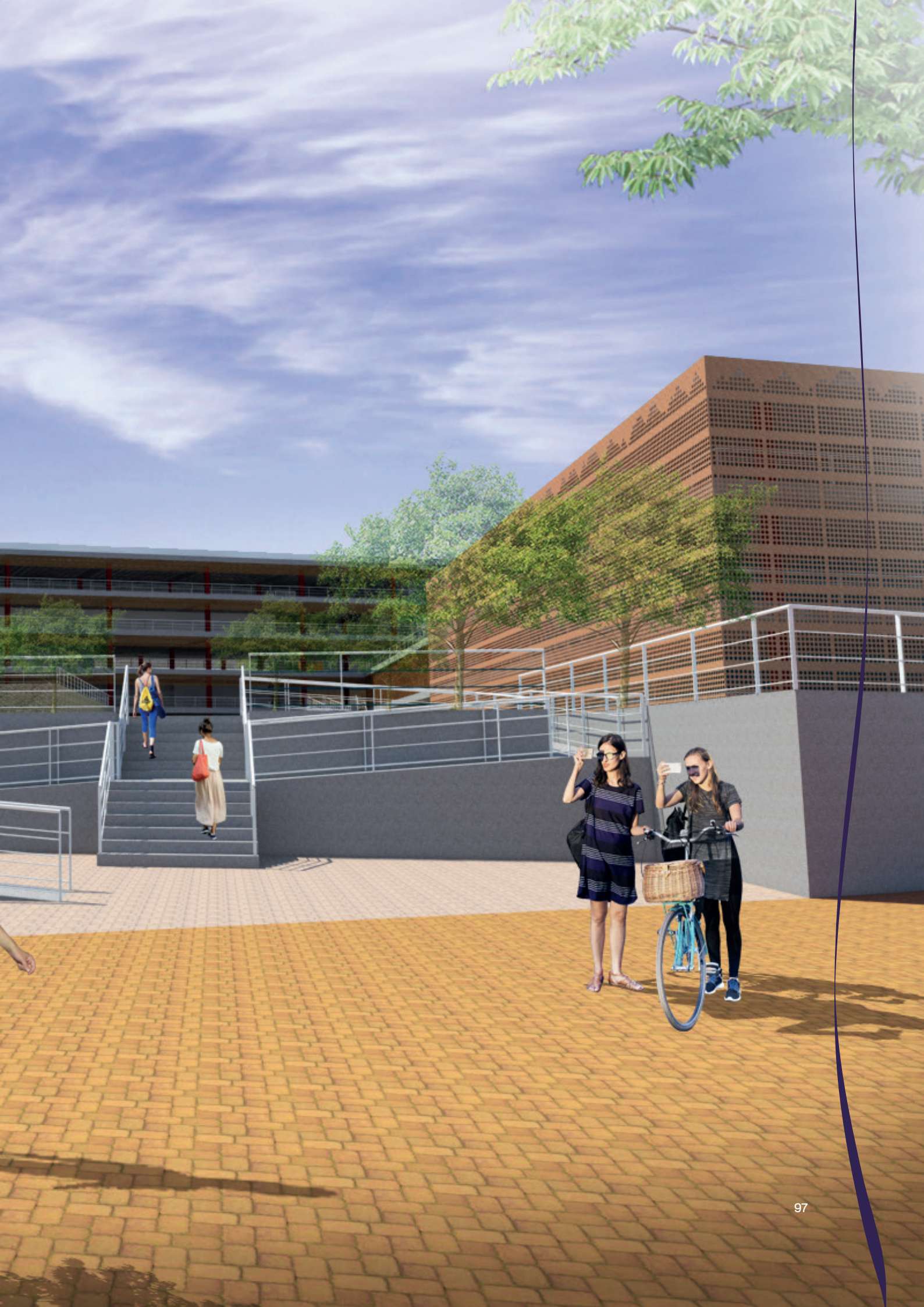


.....
Perspectiva 5.19
Fonte: elaborado pela autora.





.....
Perspectiva 5.20
Fonte: elaborado pela autora.



“No entanto, o estudo, a compreensão da dança - corporal e intelectualmente - vão muito além do ato de dançar.”

ISABEL A. MARQUES.

6 APÊNDICE



Considerações finais

Este trabalho buscou mostrar o real valor que algumas iniciativas mereciam receber pelo retorno que dão à sociedade e novas alternativas para uma área da cidade de Paracuru que tem um potencial enorme, mas é subutilizada.

Foram desenvolvidos uma Escola e um Teatro, que juntos abraçam uma grande praça e fazem parte de um plano urbano que liga a beira-mar às praças centrais da cidade, sem destoar do contexto em seu entorno, acompanhando a topografia e respeitando o meio ambiente.

O projeto proposto condiz com Plano Diretor Participativo do município e é uma alternativa para o que está sendo feito hoje no local.

Mesmo tratando-se de um exercício acadêmico, fica aqui a história da Escola de Dança de Paracuru e todas as intenções e sonhos nela depositados.



.....
Fig. 6.1 Flávio Sampaio em conversa com alunos.

Fonte: Acervo da Escola de Dança de Paracuru.

Bibliografia Referenciada

ARRUDA, Augusto Guthiere Fialho. **Análise do uso e ocupação do solo e seus impactos em zonas costeiras: Paracuru-CE**. Dissertação de mestrado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.

DASCAL, Miriam. **Eutonia: o saber do corpo**. São Paulo: Ed. SENAC, 2008.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.

MONTEIRO, Josué Carvalho. **O turismo e o desenvolvimento local da cidade de Paracuru**. Monografia apresentada à Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade - FEAAC, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Economia. Fortaleza, 2015.

MORANDI, Carla Silvia Dias de Freitas. **Passos, compassos e descompassos do ensino de dança nas escolas**. Dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2005.

SAMPAIO, Flávio. **Balé passo a passo: história, técnica, terminologia**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia e MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. 4. ed. Campinas, São Paulo: Papirus Editora, 2006.

Bibliografia Consultada

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050 Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. 3. ed. Rio de Janeiro, 2015.

BARBOSA, Fábica Fonseca. **O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ ou regional**. Artigo publicado em: Caminhos de Geografia 10(14)107-114, Fev/2005.

BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. 3ª edição. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

BORGES, Luciane Sarmiento Pugliese. **O ensino da dança na escola formal: uma análise da inserção das academias de balé em escolas privadas de Salvador**. Dissertação de mestrado em Dança pela

Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. Tradução: Marina Appenzeller. 2ª edição. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. **Plano nacional de gerenciamento costeiro (PNGC II)**. Resolução 005 da CIRM, de 03/12/97. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/orla/_arquivos/pngc2.pdf.

CHING, Francis D. K. **Dicionário visual de arquitetura**. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FARIAS, Nekita Monteiro. **Futuro das Artes**. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. Outubro de 2012.

FUX, Maria. **Dança, experiência de vida**. Tradução: Norberto Abreu e Silva Neto. 3. ed. São Paulo: Summus, 1983.

GUALDA, Luciana Rosa e SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão. **Formação para o ensino de dança: pensamento de professores**. Artigo publicado em: Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 207-220, jan./abr. 2008.

GUIMARÃES, Leonardo Ferreira. **Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Titanzinho**. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. 2013.

HERTZBERGER, Herman. **Space and Learning**. Lessons in architecture 3. 010 Publishers, Rotterdam 2008.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LINHARES, David. **David Linhares produtor cultural e diretor da Bienal Internacional de Dança do Ceará**. Entrevista realizada por Fabio Maleronka Ferron no dia 28 de junho de 2010, em São Paulo. Disponível em: <http://docplayer.com.br/8584040-David-linhares-produtor-cultural-e-diretor-da-bienal-internacional-de-danca-do-ceara.html>

MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos**. Coleção Face Norte, volume 12. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MONTEIRO, Marianna. **Noverre: Cartas sobre a Dança**. Tradução e notas da autora. 1ª edição. São Paulo, SP: FAPESP, 2006.

PEIXOTO, Ingrid Teixeira. **Espaço|Escola|Parque - Arquitetura como suporte ao ensino-aprendizagem**. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. 2013.

PEIXOTO, Jacqueline Rodrigues e DOMINE, Mônica Braga Marçal. **O ensino de dança na escola: perspectivas e impasses**. Artigo disponível em: <http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNepi2010/paper/viewFile/1535/735>.

PINHEIRO, Carolina Fonteles Gomes. **Levitar. Espaço da dança**. Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará. Junho de 2013.

POUGY, Eliana. **Todas as artes**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2011.

SILVA, Thaís Gonçalves Rodrigues. **Coreografias da Política Cultural: dancituras da diferença na Escola de Dança de Paracuru**. Dissertação apresenta à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Sociedade do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará, 2009.

VASCONCELOS, F. P. e CORIOLANO, L. N. M. T. **Impactos sócio-ambientais no litoral: um foco no turismo e na gestão integrada da zona costeira no Estado do Ceará/Brasil**. Artigo publicado em: Revista da Gestão Costeira Integrada. 2008.

Lista de Figuras

Figura 0.1	Foto da capa.	02
Figura 1.1	Sede atual da Escola de Dança de Paracuru.	13
Figura 1.2	Flávio Sampaio.	16
Figura 1.3	Escola de Dança de Paracuru.	16
Figura 2.1	Sala de aula situada no térreo.	24
Figura 2.2	Sala de aula situada no primeiro pavimento.	24
Figura 2.3	Banheiro usado por portadores de necessidades especiais.	24
Figura 2.4	Palco onde são realizadas as apresentações da escola.	25
Figura 2.5	Backstage.	25
Figura 2.6	Planta oficial de parcelamento, uso e ocupação do solo.	28
Figura 2.7	Faixa de praia ocupada pelas barracas.	29
Figura 3.1	Elementos de um sistema costeiro.	37
Figura 3.2	Imagem do setor 6 (2004).	38
Figura 3.3	Imagem do setor 6 (2011).	38
Figura 3.4	Imagem do setor 7 (2004).	38
Figura 3.5	Imagem do setor 7 (2011).	38
Figura 3.6	Ação erosiva.	39
Figura 3.7	Alcance do mar.	39
Figura 3.8	Deteriorização da infraestrutura.	39
Figura 3.9	Deteriorização das barracas de praia.	39
Figura 3.10	Proteção improvisada pelos comerciantes.	39
Figura 3.11	Exemplar da formação de tabuleiro aflorada no estirâncio praial.	40
Figura 3.12	Destino inadequado de água pluvial.	40
Figura 3.13	Poluição da praia pela falta de saneamento.	40
Figura 3.14	Ausência de saneamento.	40
Figura 3.15	Fim indevido dados ao esgoto das barracas.	40
Figura 3.16-52	Visão serial - Percurso 01.	43
Figura 3.53-67	Visão serial - Percurso 02.	45
Figura 3.68-69	Ambientes sombreados.	47
Figura 3.70-71	Ambientes não sombreados.	47
Figura 3.72-81	Ambientes inapropriados.	48
Figura 3.82-91	Ambientes degradados.	49
Figura 3.92-101	Ambientes degradados.	50
Figura 3.102-104	Ambientes degradantes.	51
Figura 3.105-108	Ambientes sujos.	51
Figura 3.109-115	Ambientes abandonados.	52
Figura 4.1	Implantação do Centro de Artes.	59

Figura 4.2	Planta baixa do pavimento térreo.	60
Figura 4.3	Planta baixa do primeiro pavimento.	60
Figura 4.4	Corte da escadaria.	60
Figura 4.5	Escadaria.	61
Figura 4.6	Croqui.	61
Figura 4.7	Visão geral.	61
Figura 4.8	Brises.	62
Figura 4.9	Detalhe entre as esquadrias e os brises.	62
Figura 4.10	Fachada sul.	62
Figura 4.11	Permeabilidade visual e não física das “vitrines”.	62
Figura 4.12	Vedações externas.	62
Figura 4.13	Sala de música.	63
Figura 4.14	Corte claraboias.	63
Figura 4.15	Relação entre conservatório e escola de dança.	64
Figura 4.16	Implantação.	64
Figura 4.17	Esquadria contemplativa.	65
Figura 4.18	Planta baixa.	65
Figura 4.19	Enquadramento dos brises.	66
Figura 4.20	“Vitrine” reversa.	66
Figura 4.21	Corredor interno.	66
Figura 4.22	Distanciamento entre brises e esquadrias.	66
Figura 4.23	Acesso fluído.	67
Figura 4.24	Acesso principal.	67
Figura 4.25	Fluidez nos percursos.	68
Figura 4.26	Maquete esquemática.	68
Figura 4.27	Visão geral do edifício.	69
Figura 4.28	Esquema de lajes sobrepostas.	69
Figura 5.1	Alteração no calçadaõ.	73
Figura 5.2	Situação.	74
Figura 5.3	Implantação.	76
Figura 5.4	Desempenho acústico da laje.	76
Figura 5.5	Esquema de laje hole deck.	77
Figura 5.6	Planta baixa nível 7.12	80
Figura 5.7	Planta baixa nível 10.72	80
Figura 5.8	Planta baixa nível 14.32	81
Figura 5.9	Planta baixa nível 17.92	81
Figura 5.10	Planta baixa nível 21.52	82

Lista de Mapas

Mapa 1.1	Município entre APAs - Unidades de Conservação Ambiental.	14
Mapa 1.2	Sedes municipais - Divisão política.	14
Mapa 2.1	Relação entre o terreno proposto e a sede atual.	26
Mapa 2.2	Contextualização da intervenção.	27

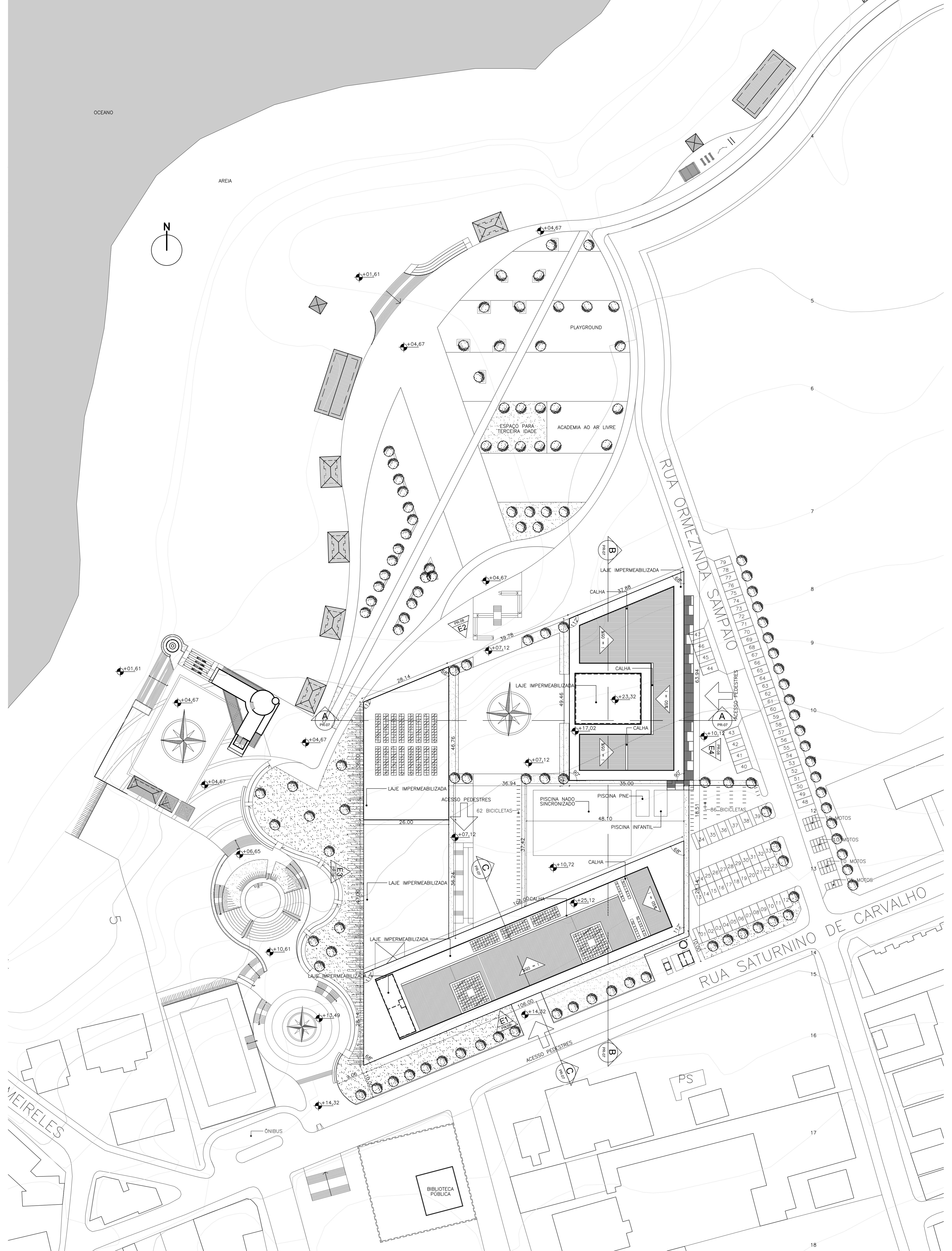
Mapa 3.1	Região Metropolitana de Fortaleza.	33
Mapa 3.2	Macrorregiões turísticas do Ceará.	34
Mapa 3.3	Macrorregião do Litoral Oeste do Ceará.	34
Mapa 3.4	Visão serial - Percurso 01.	42
Mapa 3.5	Visão serial - Percruso 02.	44
Mapa 3.6	Mapeamento visual.	46

Lista de Gráficos e Tabelas

Gráfico 3.1	Distribuição da população de Paracuru.	36
Tabela 2.1	Análise walkthrough.	47
Tabela 5.1	Meios de transporte utilizados pelos alunos da escola.	73
Tabela 5.2	Quadro de áreas.	78

Lista de Perspectivas

Perspectiva 5.1	Visão geral.	74
Perspectiva 5.2	Vista a partir da Rua Saturnino de Carvalho.	76
Perspectiva 5.3	Vista a partir da praia.	76
Perspectiva 5.4	Escola de Dança de Paracuru.	85
Perspectiva 5.5	Escola de Dança de Paracuru.	87
Perspectiva 5.6	Escola de Dança de Paracuru.	88
Perspectiva 5.7	Escola de Dança de Paracuru.	88
Perspectiva 5.8	Escola de Dança de Paracuru.	88
Perspectiva 5.9	Escola de Dança de Paracuru.	89
Perspectiva 5.10	Escola de Dança de Paracuru.	89
Perspectiva 5.11	Escola de Dança de Paracuru.	89
Perspectiva 5.12	Escola de Dança de Paracuru.	91
Perspectiva 5.13	Escola de Dança de Paracuru.	92
Perspectiva 5.14	Escola de Dança de Paracuru.	92
Perspectiva 5.15	Escola de Dança de Paracuru.	92
Perspectiva 5.16	Escola de Dança de Paracuru.	93
Perspectiva 5.17	Escola de Dança de Paracuru.	93
Perspectiva 5.18	Escola de Dança de Paracuru.	93
Perspectiva 5.19	Escola de Dança de Paracuru.	95
Perspectiva 5.20	Escola de Dança de Paracuru.	97



1 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E COBERTA

ESCALA GRÁFICA
 10 0 10 20

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 DEPTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
 TFG - 2016.2

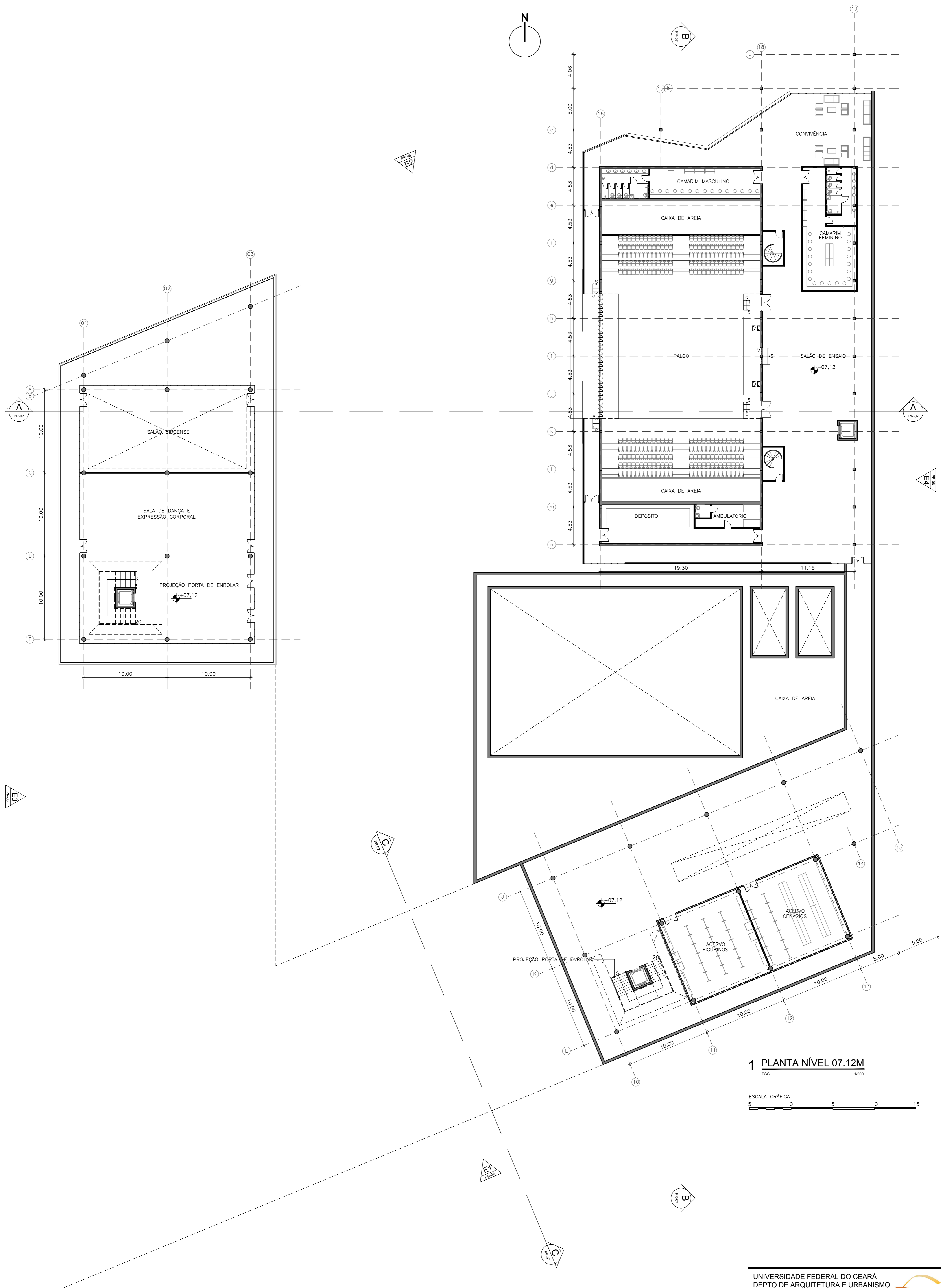
TEMA:
 ESCOLA DE DANÇA DE PARACURU

ASSUNTO:
 PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E COBERTA

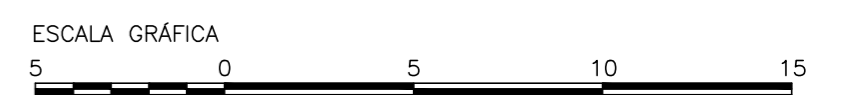
ORIENTADOR: RICARDO PAIVA
 ALUNA: RENATA CARIOCA



PRANCHA:
01



1 PLANTA NÍVEL 07.12M
 ESC 1/200



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 DEPTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
 TFG - 2016.2



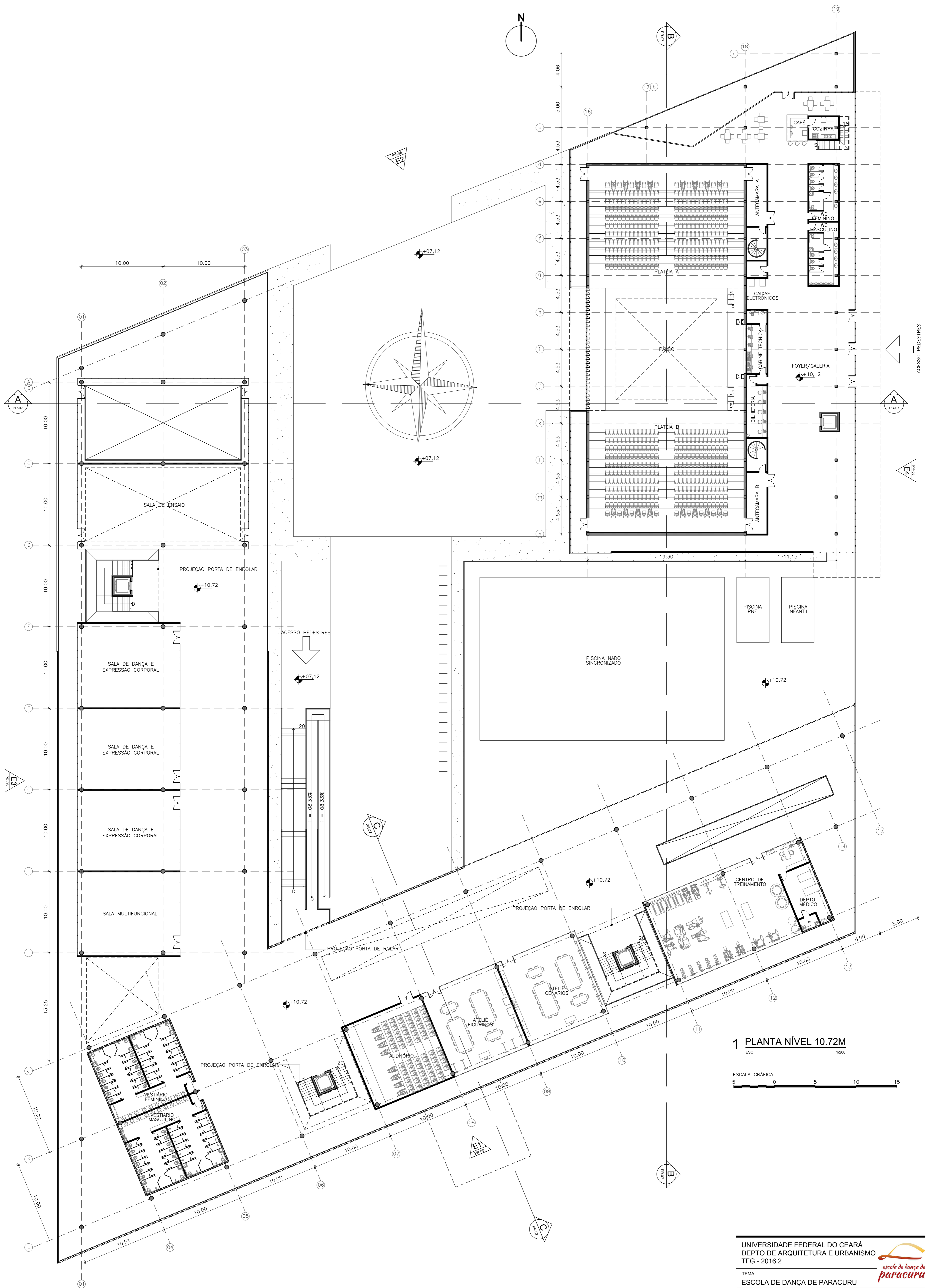
TEMA:
 ESCOLA DE DANÇA DE PARACURU

ASSUNTO:
 PLANTA NÍVEL 07.12M

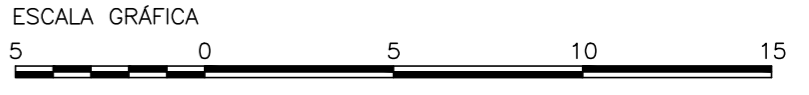
ORIENTADOR: RICARDO PAIVA
 ALUNA: RENATA CARIOCA

PRANCHA:

02



1 PLANTA NÍVEL 10.72M
ESC 1/200



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TFG - 2016.2

TEMA:
ESCOLA DE DANÇA DE PARACURU

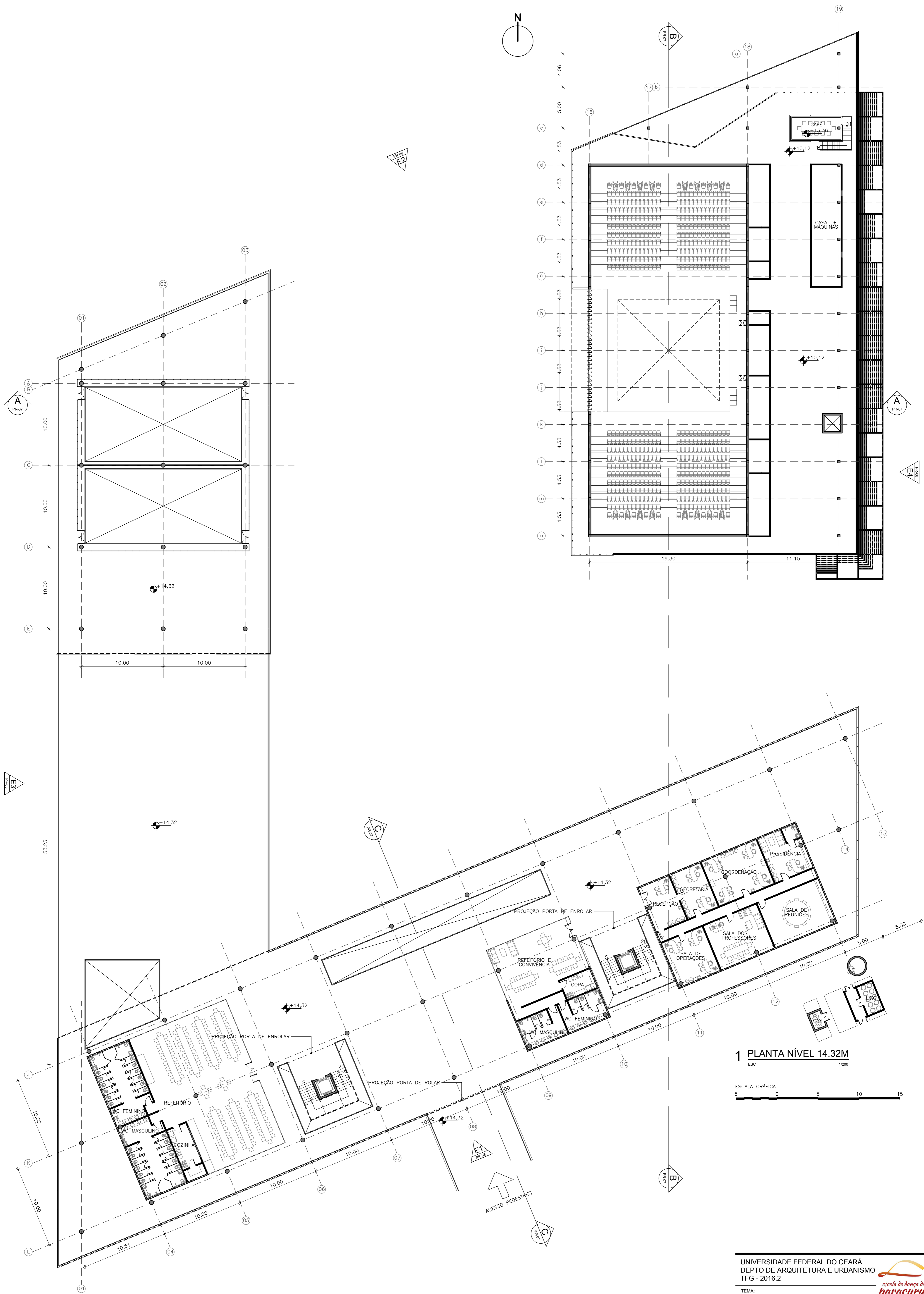
ASSUNTO:
PLANTA NÍVEL 10.72M

ORIENTADOR: RICARDO PAIVA ALUNA: RENATA CARIOCA



PRANCHA:

03



1 PLANTA NÍVEL 14.32M
ESC 1/1200



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TFG - 2016.2



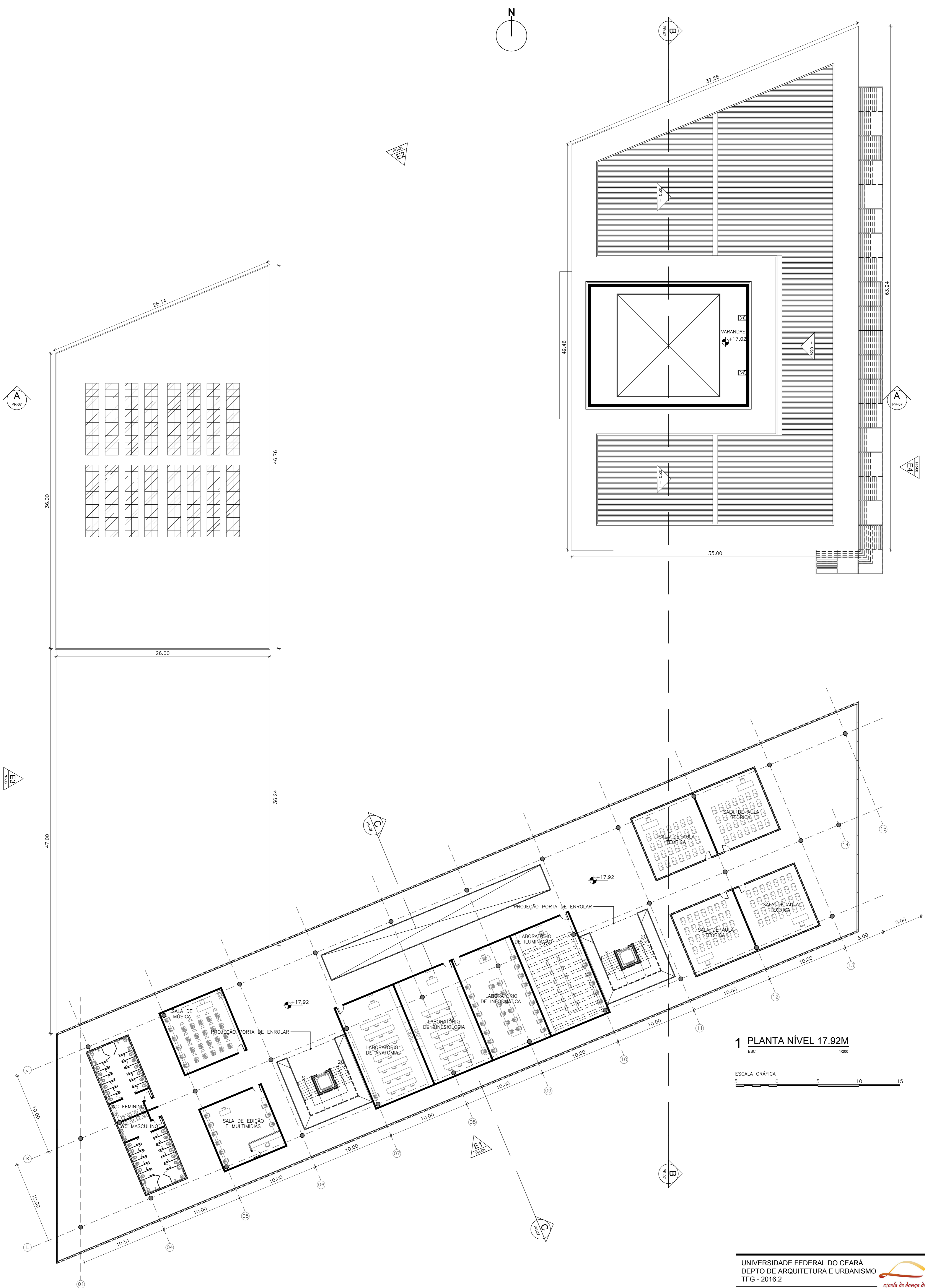
TEMA:
ESCOLA DE DANÇA DE PARACURU

ASSUNTO:
PLANTA NÍVEL 14.32M

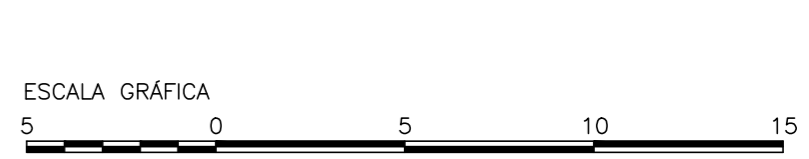
ORIENTADOR: RICARDO PAIVA ALUNA: RENATA CARIOCA

PRANCHA:

04



1 PLANTA NÍVEL 17.92M



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
 DEPTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
 TFG - 2016.2



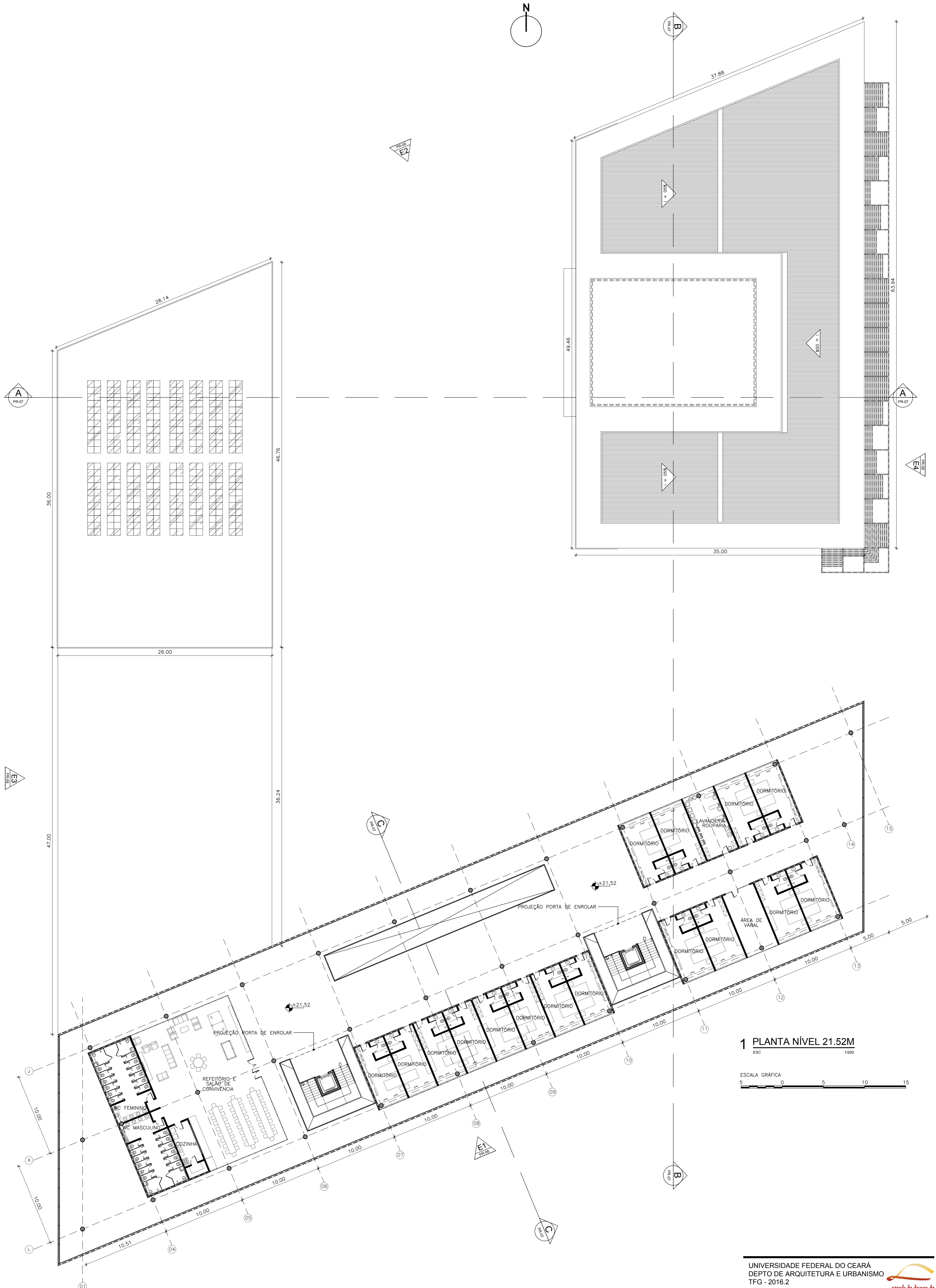
TEMA:
 ESCOLA DE DANÇA DE PARACURU

ASSUNTO:
 PLANTA NÍVEL 17.92M

ORIENTADOR: RICARDO PAIVA
 ALUNA: RENATA CARIOCA

PRANCHA:

05



1 PLANTA NÍVEL 21.52M

ESC 1/200



ESCALA GRÁFICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
DEPTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TFG - 2016.2



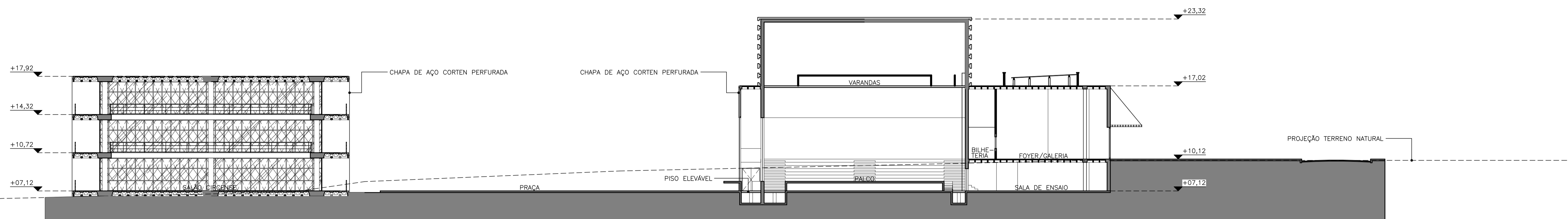
ASSUNTO:
ESCOLA DE DANÇA DE PARACURU

PLANTA NÍVEL 21.52M

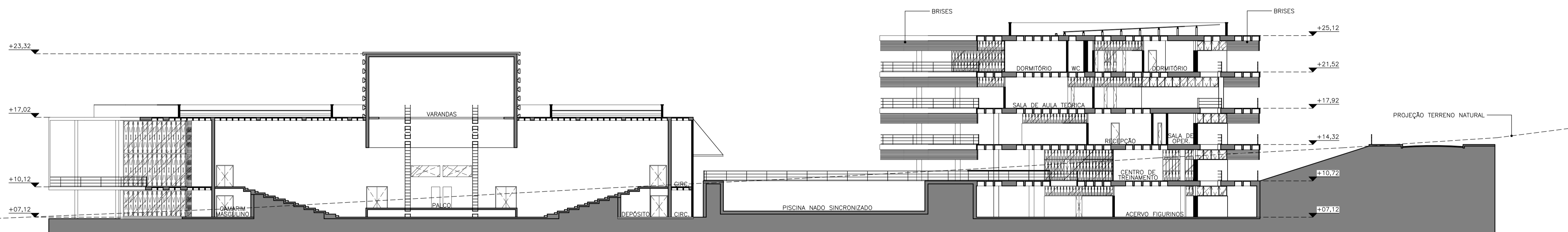
ORIENTADOR: RICARDO PAIVA
ALUNA: RENATA CARIOCA

PRANCHA:

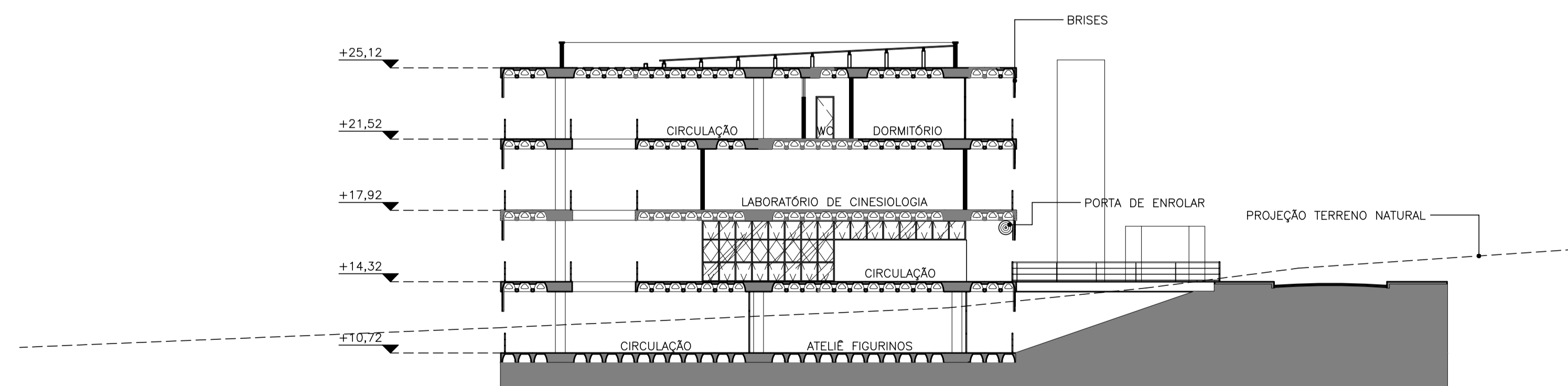
06



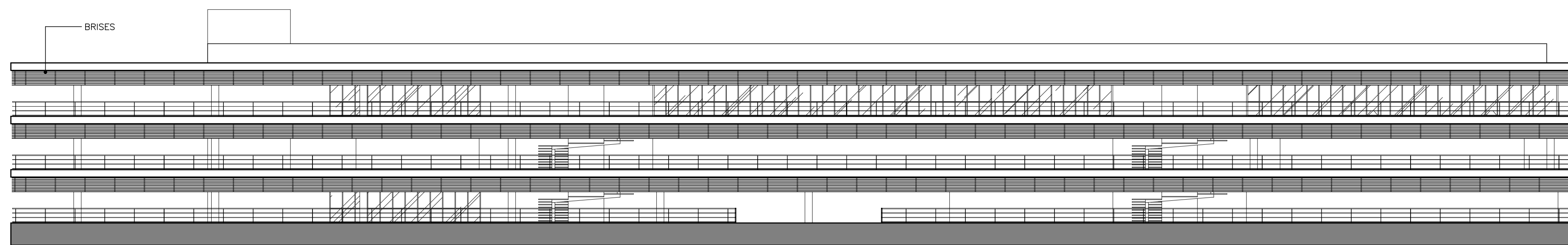
1 CORTE AA
ESC 1/200



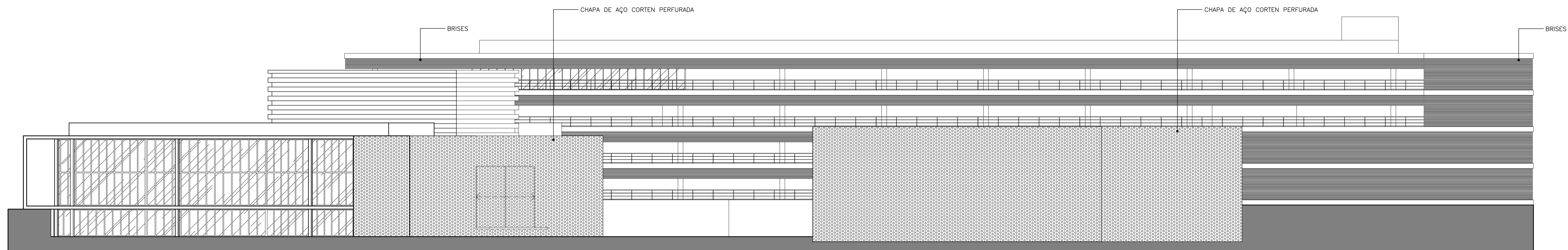
2 CORTE BB
ESC 1/200



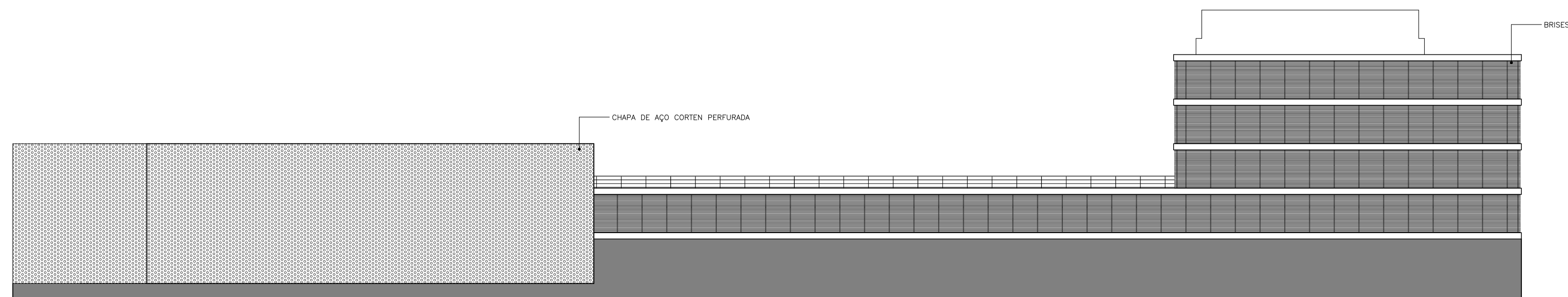
3 CORTE CC
ESC 1/200



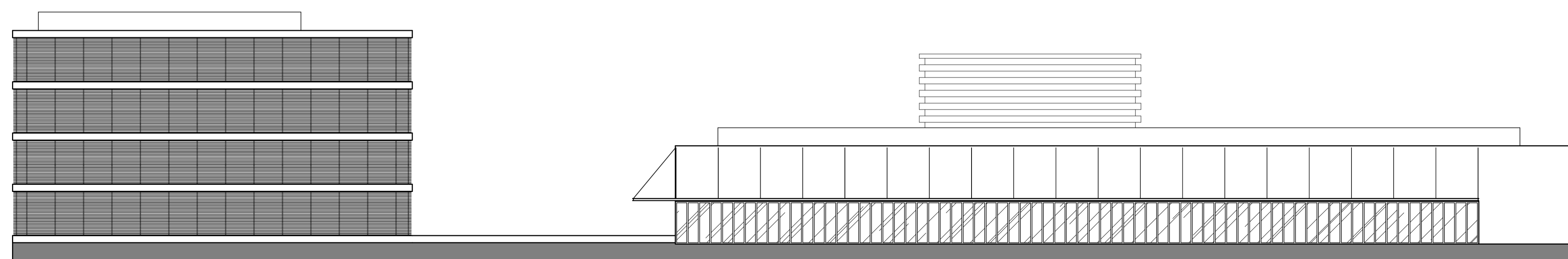
1 ELEVÇÃO 1
ESC 1/200



2 ELEVÇÃO 2
ESC 1/200



3 ELEVÇÃO 3
ESC 1/200



4 ELEVÇÃO 4
ESC 1/200

Este livro foi impresso utilizando
as seguintes fontes:

Tofino

Kaushan Script

Diagramação por:

RAÍSSA ALENCAR

alencaroraissa@gmail.com



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ